

A análise da tradução dos elementos culturais na tradução portuguesa da obra «A ponte sobre o Drina»

Vrančić, Anita

Master's thesis / Diplomski rad

2019

Degree Grantor / Ustanova koja je dodijelila akademski / stručni stupanj: **University of Zagreb, University of Zagreb, Faculty of Humanities and Social Sciences / Sveučilište u Zagrebu, Filozofski fakultet**

Permanent link / Trajna poveznica: <https://urn.nsk.hr/urn:nbn:hr:131:867316>

Rights / Prava: [In copyright](#) / [Zaštićeno autorskim pravom.](#)

Download date / Datum preuzimanja: **2024-07-28**



Sveučilište u Zagrebu
Filozofski fakultet
University of Zagreb
Faculty of Humanities
and Social Sciences

Repository / Repozitorij:

[ODRAZ - open repository of the University of Zagreb
Faculty of Humanities and Social Sciences](#)



Universidade de Zagreb

Faculdade de Letras

Departamento de Estudos Românicos

Cátedra de Língua Portuguesa

A análise da tradução dos elementos culturais na tradução portuguesa da obra «A ponte sobre o Drina»

Tese de mestrado

Estudante:

Anita Vrančić

Orientadora:

Dr.sc. Daliborka Sarić

Em Zagreb, setembro de 2019

Sveučilište u Zagrebu

Filozofski fakultet

Odsjek za romanistiku

Katedra za portugalski jezik i književnost

**Analiza prevođenja elemenata kulture u portugalskom prijevodu djela «Na Drini
ćuprija»**

Diplomski rad

Studentica:

Anita Vrančić

Mentorica:

Dr.sc. Daliborka Sarić

Zagreb, rujan 2019.

University of Zagreb

Faculty of Humanities and Social Sciences

Department of Romance Languages and Literature

Portuguese Language and Literature

**The Analysis of Translation of Culture-bound elements in the Portuguese Translation of
the Novel «The Bridge over the Drina»**

Graduation Thesis

Student:

Anita Vrančić

Supervisor:

Dr.sc. Daliborka Sarić

Zagreb, September 2019

Sažetak

Ovaj diplomski rad posvećen je proučavanju translatološke problematike uzrokovane konceptima koji su specifični za određenu kulturu. Struktura diplomskog rada građena je na odabranim primjerima koje smo pronašli u romanu Ive Andrića «Na Drini ćuprija» te njihovim pripadajućim prijevodima na portugalskom jeziku. U prvom dijelu rada uspostavlja se teorijski temelj našeg istraživanja potreban za razumijevanje daljnje analize. Pri tome smo izložili razne definicije riječi «kultura», s naglaskom na antropološku. Nakon što smo čitatelja upoznali s osnovnim postavkama o adekvatnosti prijevoda te s kategorizacijom elemenata kulture, predložili smo i klasifikaciju strategija njihovog prijevoda. Osim toga, pažnju smo posvetili pitanju literarnog prijevoda te smo ponudili uvid u Andrićev spisateljski stil. Drugi dio rada temelji se na usporednoj analizi originala i prijevoda, odnosno na identifikaciji upotrebljenih prevoditeljskih strategija. Uz to smo pokušali interpretirati posljedice njihove upotrebe kako bismo dobili potpunu sliku o utjecaju kulturnih elemenata na adekvatnost prijevoda.

Ključne riječi

kultura, elementi kulture, strategije prijevoda, književni prijevod, Ivo Andrić

Resumo

Este trabalho é dedicado ao estudo da problemática translatólica causada por conceitos específicos de cultura. A estrutura do trabalho é baseada em exemplos selecionados que encontramos no romance de Ivo Andrić «A ponte sobre o Drina» e nas suas correspondentes traduções em português. A primeira parte do trabalho estabelece os fundamentos teóricos da nossa pesquisa, necessários para o entendimento da análise. Ao fazer isso, delineamos várias definições da palavra «cultura», com ênfase na definição antropológica. Depois de familiarizar o leitor com as premissas básicas sobre a adequação de tradução, nós incluímos uma categorização dos elementos culturais e sugerimos também a classificação de estratégias para a sua tradução. Além disso, prestamos atenção à questão da tradução literária e oferecemos informações sobre o estilo de escrita de Andrić. A segunda parte do artigo é baseada numa análise comparativa do original e da tradução, ou seja, na identificação das estratégias de tradução utilizadas. Também tentamos interpretar as consequências do seu uso, a fim de obter uma imagem completa do impacto de elementos culturais na adequação de uma tradução.

Palavras-chave

cultura, elementos de cultura, estratégias de tradução, tradução literária, Ivo Andrić

Sumário

I. Base teórica	1
1. Introdução.....	1
2. Os aspetos da cultura.....	3
2.1. A abordagem antropológica da cultura.....	5
2.2. Os níveis da cultura de D. Katan.....	6
2.3. A cultura e a língua	7
3. A questão da equivalência	8
3.1. A divisão dos elementos culturalmente marcados.....	9
3.2. Estratégias para traduzir palavras culturalmente marcadas.....	12
3.2.1. Empréstimo e adaptação ortográfica.....	14
3.2.2. Neologismo	15
3.2.3. Tradução literal	15
3.2.4. Naturalização.....	15
3.2.5. Alternativa cultural.....	16
3.2.6. Tradução hiponímica e hiperonímica	16
3.2.7. Tradução descritiva e adição	16
3.2.8. Omissão	17
3.2.9. Equivalente oficial.....	17
3.2.10. Sinonímia	17
4. A classificação do processo de tradução	18
4.1. Texto literário.....	19
4.2. A especificidade da tradução literária.....	20
4.3. A categorização da tradução literária	21
4.4. A crítica da classificação tradicional dos tipos de tradução.....	22
5. Ivo Andrić – escritor e político	23
5.1. Bibliografia	24
5.2. O estilo literário de Andrić	25

5.3. A antiga Bósnia na função de tema principal.....	26
5.4. O romance <i>A ponte sobre o Drina</i>	26
II. Análise.....	28
6. Metodologia da análise.....	28
7. A marcação cultural do título e a sua tradução.....	28
8. Análise da tradução dos elementos culturais selecionados.....	30
8.1. Elementos culturais geográficos.....	30
8.2. Elementos culturais etnográficos.....	31
8.2.1. Vida quotidiana.....	32
8.2.2. Trabalho.....	44
8.2.3. Artes e cultura.....	45
8.2.4. Elementos étnicos.....	56
8.2.5. Unidades de medida e moedas.....	60
8.3. Elementos culturais sociopolíticos.....	64
8.3.1. Arranjo administrativo-territorial.....	65
8.3.2. Vida sociopolítica.....	67
8.3.3. Vida militar.....	75
9. Conclusão.....	79
10. Bibliografia.....	81

I. Base teórica

1. Introdução

Os textos literários são uma criação complexa do pensamento humano, na qual são tecidas não apenas as atitudes e sentimentos do autor, mas também uma série de experiências, factos históricos e estímulos sociais e culturais do ambiente. Para a tradução de tais materiais, a capacidade de usar dicionários não é suficiente. É crucial que o tradutor conheça os factos linguísticos e extralinguísticos relacionados com os dois idiomas envolvidos no processo de tradução. Um talento artístico proeminente também é necessário. O tradutor torna-se um intermediário entre duas culturas, e a sua responsabilidade é fornecer aos leitores da tradução uma experiência artística igual à contida no original. Vários obstáculos podem surgir, um deles sendo os elementos do texto cuja conexão com a cultura-fonte é tão forte que não há conceitos e palavras equivalentes na língua-alvo.

A presente pesquisa tem como foco a compreensão do problema proposto, mas a tarefa principal é a apresentação das estratégias de tradução que podem ser empregadas para superar diferenças entre culturas. Para o objeto da análise, escolhemos o romance *A ponte sobre o Drina*, escrito pelo romancista croata Ivo Andrić, vencedor do Pémio Nobel de Literatura. O romance fornece ao leitor uma imagem clara da vida na Bósnia durante séculos do reinado otomano, desde o início até a queda, através de várias narrativas e destinos dos personagens. A escolha do material foi baseada em dois factos. Em primeiro lugar, o prémio Nobel e as traduções múltiplas provaram não apenas a importância do romance para a herança literária croata, bósnia e sérvia, mas também a sua reputação de uma obra-prima da literatura mundial. Em segundo lugar, o romance concentra-se nos eventos históricos importantes para os Balcãs e no quotidiano dos seus habitantes. Portanto, a suposição é que ele conterá muitos elementos culturais.

O conteúdo do romance escrito em croata será comparado à tradução portuguesa fornecida por Lúcia e Dejan Stanković. A análise dos elementos culturais obtidos desta maneira nos permitirá, por um lado, determinar como é que as estratégias escolhidas pelos tradutores influenciaram a semântica do texto e a sua expressão cultural, e, por outro lado, tirar algumas conclusões sobre as restrições culturais específicas para a dada combinação de idiomas. Consideramos o ato de fixar esses dados muito importante no contexto da

aprendizagem de português nas universidades croatas, porque a tradução de croata para o português e vice-versa é dificultada por duas razões. Isso deve-se principalmente à falta de pontos de contacto históricos e culturais entre as duas nações, mas também à limitada literatura, especializada no processo de tradução da língua croata para o português.

Na parte teórica do trabalho, focaremos na introdução do conceito de elementos culturais e na sua classificação. Tentaremos explicar quais estratégias são frequentemente usadas pelos tradutores, e se é possível obter uma tradução adequada nessas situações. Além disso, apresentaremos a vida e a obra de Ivo Andrić, bem como as características essenciais do género literário e da sua tradução.

2. Os aspetos da cultura

A etimologia da palavra *cultura* pode ser rastreada até os tempos do uso ativo da língua latina. Originalmente, a semântica do termo era limitada ao aspeto agrícola, isto é, à cultura de terra, mas também incluía a prática de criar animais (Cuche 1999: 19). Hoje em dia, o termo não pode ser explicado de maneira tão simples, porque evoluiu ao longo do tempo e acumulou muitos novos significados. Português e croata não são exceções a essa multidimensionalidade semântica da palavra *cultura*. Se olharmos para as definições listadas nos dicionários online *Infopédia*¹ e *Hrvatski jezični portal*² notaremos que o uso da palavra se espalhou para várias áreas de trabalho, o que mostrámos na Tabela 1:

Área de trabalho	Hrvatski jezični portal	Infopédia
<i>Agricultura</i>	1. uzgoj, obrada i obrađivanje biljke na predviđenoj površini	1. ação de cultivar a terra 2. produto do cultivo da terra 3. conjunto das técnicas necessárias para obter do solo produtos vegetais para consumo; agricultura
<i>Biologia</i>	1. mikroorganizmi nasađeni za potrebe istraživanja	1. método para fazer crescer microrganismos num meio favorável ao seu desenvolvimento 2. os microrganismos assim obtidos

¹ Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/cultura>; Acesso a 11 de julho de 2019

² Disponível em: http://hjp.znanje.hr/index.php?show=search_by_id&id=f1puUBY%253D; Acesso a 11 de julho de 2019

<i>Antropologia</i>	<p>1. ukupnost materijalnih i duhovnih dobara, etičkih i društvenih vrijednosti, što ih je stvorilo čovječanstvo</p> <p>2. ukupnost duhovne, moralne, društvene i proizvodne djelatnosti jednog društva ili epohe</p> <p>3. ukupnost obrazovanja, znanja, vještina, etičkih i socijalnih osjećaja, društvenog ophođenja i ponašanja nekog pojedinca u odnosu prema drugome</p>	<p>1. conjunto dos conhecimentos adquiridos que contribuem para a formação do indivíduo enquanto ser social; saber</p> <p>2. conjunto de costumes, de instituições e de obras que constituem a herança de uma comunidade ou grupo de comunidades</p> <p>3. sistema complexo de códigos e padrões partilhados por uma sociedade ou um grupo social e que se manifesta nas normas, crenças, valores, crenças e instituições que fazem parte da vida individual e coletiva dessa sociedade ou grupo</p> <p>4. desenvolvimento de certas faculdades através da aquisição de conhecimentos; educação</p>
---------------------	---	---

TABELA 1 OS SIGNIFICADOS DA PALAVRA «CULTURA»

Considerando que o objeto deste trabalho são elementos linguísticos ligados a cultura, as únicas definições que são relevantes para uma discussão mais aprofundada são aquelas que dizem respeito à sua dimensão antropológica. As definições apresentadas na Tabela 1 são simplificadas pelo teórico literário britânico T. Eagleton (2000: 34 – 35):

«A cultura pode ser livremente resumida como o complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico. (...) A cultura é o conhecimento implícito do mundo pelo qual as pessoas negociam formas apropriadas de agir num contexto específico.»

Na parte seguinte do nosso trabalho, prestaremos atenção a um estudo mais detalhado da cultura dentro do seu significado antropológico. Vamos tentar descobrir porquê é que esse conceito emergiu, e quais são os princípios básicos da sua formação. Além disso, daremos uma visão geral da relação entre a língua e a cultura.

2.1. A abordagem antropológica da cultura

Embora a cultura esteja etimologicamente ligada à natureza de uma certa maneira, os dois termos são realmente considerados antípodas (Eagleton 2000: 1). A razão para tal percepção é que a cultura existe apenas como uma criação humana, ou seja, ela não pode ser encontrada na forma de um componente natural do ambiente. É na sua totalidade a recusa humana de seguir as regras da natureza (Granić 2009: 19).

O sociólogo e antropólogo francês D. Cuche explica que a cultura surgiu como uma reação da sociedade às condições encontradas na sua área de habitação. A evolução intelectual e física do homem foi grandemente facilitada com o desenvolvimento da cultura, porque a sua sobrevivência não dependia mais dos seus instintos nem da sua capacidade de adaptar-se fisicamente ao espaço em que habitava. A humanidade teve a possibilidade de criar um espaço da vida muito mais agradável, moldando o mundo exterior de uma maneira que atenda às suas necessidades. Cada comunidade individual desenvolveu-se sob condições diferentes. Elas experimentaram o mundo de várias formas, o que exigiu e permitiu técnicas de adaptação distintas. Naturalmente, isso resultou num espectro diversificado da cultura em todo o mundo. D. Cuche acredita que a cultura encontra-se no núcleo da identidade de um indivíduo. É por isso que ele a considera um parâmetro eficaz para a determinação das «fronteiras» entre nações e, conseqüentemente, uma boa substituição para o critério racial, que desempenhava esse papel durante séculos (1999: 9 – 10). É importante acentuar que a identidade cultural não está contida no código genético das pessoas. Ela é transferida das gerações passadas para novos membros da comunidade de uma forma indireta. Isso significa que factos e regras culturais tornam-se parte do seu subconsciente através da observação, e não da aprendizagem oficial (Katan 1999: 17).

Independentemente das diferenças entre as culturas e os seus representantes, elas não são entidades independentes, isoladas umas das outras. Pelo contrário, quase todas as comunidades culturais estão constantemente numa inter-relação. Isso envolve também uma troca desequilibrada dos elementos culturais. Das duas culturas envolvidas no processo de troca, uma é sempre mais intrusiva, e a sua influência eventualmente torna-se superior. Isso não significa necessariamente que a cultura superior prevalecerá completamente. O efeito da sua influência também depende da resistência da cultura inferior. Em casos mais extremos, esses relacionamentos podem se tornar muito complicados e até mesmo resultar em opressão violenta (Cuche 1999: 143 – 146).

2.2. Os níveis da cultura de D. Katan

No seu livro *Translating cultures* o tradutor D. Katan sugere que existem cinco níveis nos quais a cultura se manifesta dentro de uma comunidade. Esses níveis são ambiente, comportamento, estratégias³, valores e crenças (1999: 45 – 59).

O nível do ambiente revela a relação entre o comportamento dos membros de uma comunidade e os fatores que compõem a sua vida cotidiana. Este nível é certamente o mais complexo de todos, mas D. Katan focou-se meramente em oito fatores. O primeiro deles, o ambiente físico, é relacionado com a localização geográfica de uma certa comunidade. Um grupo de pessoas que compartilham a mesma cultura identifica-se com um determinado território, mas também caracteriza outros grupos pelo mesmo princípio. Essa necessidade de distinção é perceptível numa escala menor (regiões, cidades, vizinhanças, etc.) tanto quanto numa escala maior (por exemplo, entre partes do mundo). É também uma base para criar estereótipos, o que leva ao desenvolvimento de formas específicas de comportamento em relação a outros grupos. A identificação com o território é ainda mais reforçada pelo fator do ambiente político. As condições meteorológicas condicionam a psique e o comportamento de um grupo, mas também manifestam-se como elementos culturais concretos. O comportamento em ambientes criados pelo homem também não é universal para toda a humanidade, porque cada cultura tem a sua própria definição da conduta aceitável dentro de diferentes edifícios. Eles também têm percepções distintas sobre o que é uma distância confortável entre dois ou mais indivíduos. O efeito da cultura pode ver-se até no sentido da moda de uma comunidade. A maneira como um membro escolhe vestir-se é influenciada pelo que a sua cultura considera apropriado para o seu género e a sua classe social. Além disso, as roupas nem sempre são categorizadas da mesma maneira quando se trata da sua adequação a situações particulares. O que uma comunidade aceita como formal pode ser excessivamente rígido para outras e vice-versa. As preferências olfativas e gustativas das pessoas também não são escolhas completamente individuais. As pessoas gostam ou evitam certos sabores e cheiros, porque isso foi incorporado ao seu subconsciente através da cultura. Finalmente, um fator muito importante para todas as culturas é o tempo. D. Katan enfatiza que as

³ No original, este nível é denotado como o nível de *capacidades/estratégias/habilidades*. Por simplificação, decidimos usar apenas o nome *estratégias*, porque sentimos que era o mais abrangente dos três.

características de uma cultura não são constantes e mudam com o tempo, criando períodos distintos na história de cada comunidade (Ibid.: 45 – 52).

Os outros níveis da cultura são conceitos consideravelmente mais simples. O nível de comportamento abrange normas sociais culturalmente moldadas que estabelecem uma fronteira clara entre conduta aceitável e inaceitável. O nível de estratégias é relacionado com o uso da língua e revela padrões de comunicação de uma comunidade cultural, bem como tendências estilísticas na sua expressão. Embora os níveis de valores e crenças não precisem de uma explicação detalhada, devido à natureza explícita das suas denominações, é necessário salientar que eles são fundamentais para entender o que motiva uma comunidade a seguir regras culturalmente estabelecidas. Além disso, crenças são frequentemente refletidas na língua através de provérbios (Ibid.: 52 – 59).

2.3. A cultura e a língua

A língua foi criada como resultado do contacto imediato do homem com o mundo ao seu redor e a sua necessidade de expressar a própria interpretação dessa realidade (Ter-Minasova 2000: 40). Todavia, a comunicação dos pensamentos não é a única função da língua. Já que os seus laços com cultura são muito fortes, tomando em conta que ela pode ser identificada em todos os níveis linguísticos, comunidades usam-na para transferir a sua cultura às gerações futuras. Elas preservam assim o seu modo da vida e fixam as suas tradições e crenças na identidade dos seus membros (Ibid.: 13 – 14). Uma prova vívida do vínculo entre a língua e a cultura é o facto que as mudanças sociais imediatamente manifestam-se no léxico. Quando a vida de uma comunidade muda significativamente ou evolui, produzindo assim novos elementos culturais, a língua respetiva reage com formas de expressão adequadas (Ibid.: 97).

A inseparabilidade dos conceitos *língua* e *cultura* é especialmente notável quando se aprende um idioma estrangeiro. O conhecimento de uma pessoa nas áreas da gramática e do vocabulário pode ser extenso, até mesmo perfeito, mas a única maneira de garantir proficiência linguística é conhecer a cultura também. Se alguém não tiver compreensão do comportamento, das tradições e dos factos históricos e políticos de uma comunidade linguística, dificilmente será capaz de perceber todos os significados escondidos que podem ser expressos num processo de comunicação. Uma vez que eles não serão capazes de fazer

associações entre elementos linguísticos e factos extralinguísticos, eles não entenderão completamente o significado do que está a ser dito (Ibid.: 27 – 30). É simplesmente impossível evitar a cultura no processo da aprendizagem ou do uso de uma língua, porque, em geral, há um número muito limitado de unidades lexicais que não têm nenhum aspeto cultural (Bratanić 1991: 11).

Devemos observar que a comunicação cultural pode ser alcançada de maneira não verbal, ou seja, através de língua somática. Ela é, de certa forma, uma reflexão física do que já está contido na língua verbal e inclui o uso de gestos, mímica, expressões faciais e outros sintomas visuais e sonoros que mostram o estado fisiológico e mental de uma pessoa. Há um equívoco comum que a língua corporal é culturalmente universal e que pode ser usada para superar barreiras estabelecidas pela língua verbal. No entanto, apenas uma gama limitada de gestos tem o mesmo significado em várias culturas (Vereshchagin e Kostomarov 2005: 391 – 393).

3. A questão da equivalência

O filólogo russo A. L. Semenov argumenta que há dois tipos de pares equivalentes, ou seja, de correspondência. Ela não se limita a unidades lexicais de uma língua e pode ser observada no nível estilístico, gramatical, semântico e formal. A relação entre dois componentes linguísticos do texto original e da tradução é considerada contextual ou ocasional quando a igualdade dos seus valores e funções pode notar-se só com a ajuda de um contexto fornecido. Por outro lado, a correspondência regular não é circunstancial, e equivalentes constantes são intercambiáveis em qualquer situação (2008: 57 – 58). A tradutora croata K. Premur (1998: 40) avisa que essa relação é exclusiva para nomes geográficos e pessoais e para palavras de carácter terminológico.

O processo de tradução não ocorre apenas entre dois sistemas linguísticos, mas também entre os dois sistemas culturais que estão diretamente relacionados com eles (Vermeer 1992: 40). Nesse tipo de comunicação intercultural, a transmissão de informação equivalente pode ser difícil tendo em conta quatro problemas. O primeiro é que algumas unidades linguísticas da mesma função não podem ser intercambiáveis nas traduções, porque uma delas não é frequentemente usada. O segundo problema são unidades lexicais emprestadas de outros idiomas. Ao entrar no vocabulário de uma língua, palavras estrangeiras

algumas vezes mudam o seu componente semântico completamente ou parcialmente. Isso causa confusão para alguns tradutores, porque a forma da palavra ainda é a mesma (Pavlović 2015: 41 – 43). A tradução pode ser dificultada, mesmo quando um elemento abstrato ou físico da realidade extralinguística existe em ambas as culturas. Problemas surgem quando a cultura-alvo não atribui palavras a esses elementos. Todavia, elementos culturalmente marcados são certamente a dúvida mais óbvia. Visto que eles não existem na cultura-alvo, eles também não têm uma palavra adequada para serem traduzidos. Contactos interculturais cada vez mais frequentes permitem que esses conceitos e os seus respetivos nomes sejam aceites em outras culturas, facilitando assim traduções futuras (Ibid.: 39 – 40).

Para este trabalho, elementos culturalmente marcados são o único problema relevante. Os próximos dois capítulos focarão na categorização deles e nas possibilidades do seu tratamento dentro do processo de tradução.

3.1. A divisão dos elementos culturalmente marcados

Os teóricos russos S. Vlahov e S. Florin ofereceram três⁴ maneiras de identificar os tipos dos elementos culturais – a categorização local, temporal e objetiva (1980: 50). Na primeira categoria, os elementos são descritos como próprios e estrangeiros, se forem analisados no contexto de uma língua, ou como internos e externos, se forem observados dentro de um processo de tradução. Elementos próprios são específicos para o idioma analisado, enquanto elementos estrangeiros foram emprestados ou traduzidos literalmente. Ambos os tipos são adicionalmente precisados de acordo com a sua origem geográfica. No segundo caso, os elementos internos pertencem a uma das duas culturas que participam do processo de tradução, mas os elementos externos vêm de um terceiro idioma (Ibid.: 57 – 58). A estrutura da categorização temporal é mais simples. Ela usa o critério de atualidade para diferenciar os elementos culturais como contemporâneos ou históricos (Ibid.: 65). Para os fins deste trabalho, escolhemos a categorização objetiva, cuja divisão dos elementos culturais é baseada nos aspetos da vida humana. Ela estabelece três categorias principais, cada uma com uma tipologia interna (Ibid.: 51 – 56). Em comparação com as duas primeiras categorizações,

⁴ Os autores russos apresentaram a quarta sugestão, denominada *categorização translacional*. No entanto, ela não mostra os tipos de elementos da cultura. Na verdade, é uma visão geral das várias estratégias usadas para traduzir esses elementos. Por esse motivo, não a incluímos no nosso trabalho (Vlahov e Florin 1980: 78 – 104).

é mais prática e mais detalhada, mas também mostra a verdadeira diversidade das palavras culturalmente marcadas.

Os conceitos culturais geográficos fazem a categoria mais restrita. Ela consiste em três subcategorias que, ao contrário das outras, não são divididas em tipos específicos de objetos e fenômenos culturais. Esta categoria refere-se ao ambiente físico cujos elementos são encontrados apenas no território em que reside a respectiva comunidade cultural. Deve notar-se que, neste caso, a geografia é usada no seu significado amplo e abrange a geografia no sentido estrito e todas as ciências relacionadas, portanto, todos os elementos culturais ligados (Ibid.: 51 – 52) A sua divisão interna é mostrada na Tabela 2.

Elementos culturais geográficos

1	Fenómenos e objetos da geografia física e da meteorologia
2	Fenómenos e objetos geográficos criados pela atividade humana
3	Espécies endêmicas de animais e plantas

TABELA 2 CATEGORIZAÇÃO DE ELEMENTOS CULTURAIS GEOGRÁFICOS

A categoria dos elementos culturais etnográficos é a mais complexa e consiste em cinco subcategorias. Cada uma deles é dividida em vários objetos e fenômenos, que são sistematizados na Tabela 3. Esta categoria contém os elementos culturais que comunidades geralmente usam para moldar o seu estilo de vida (Ibid.: 52 – 55).

Elementos culturais etnográficos

1	Vida quotidiana	a. Comida e bebidas
		b. Roupas e calçados
		c. Habitação, mobiliário, louça, etc.
		d. Transporte e condutores
		e. Outros elementos
2	Trabalho	a. Trabalhadores
		b. Ferramentas e instrumentos

	c. Organização de trabalho
3 Artes e cultura	a. Música e danças b. Instrumentos musicais c. Folclore d. Teatro e. Outras formas de arte e objetos relacionados f. Criadores de cultura e arte g. Costumes e rituais h. Feriados e celebrações i. Mitologia j. Cultos (líderes, membros, edifícios e outros elementos) k. Calendário
4 Conceitos étnicos	a. Etnónimos b. Alcunhas (engraçadas ou insultuosas) c. Gentílicos
5 Unidades de medida e moedas	a. Unidades de medida b. Unidades monetárias c. Coloquialismos para unidades de medida e unidades monetárias

TABELA 3 CATEGORIZAÇÃO DE ELEMENTOS CULTURAIS ETNOGRÁFICOS

A última categoria de S. Vlahov e S. Florin (Ibid.: 55 – 56) refere-se à organização social da sociedade e às suas particularidades políticas. Consiste em quatro subcategorias, mostradas na Tabela 4.

Elementos culturais sociopolíticos	
1 Arranjo administrativo-territorial	a. Unidades administrativo-territoriais b. Localizações c. Detalhes de localizações
2 Governo	a. Órgãos governamentais b. Figuras autoritárias

3 Vida sociopolítica	<ul style="list-style-type: none"> a. Atividades e figuras políticas b. Movimentos patrióticos e sociais (e os seus executores) c. Fenómenos e movimentos sociais (e os seus representantes) d. Posições e títulos e. Instituições f. Instituições educacionais e culturais g. Classes sociais e castas (e os seus membros) h. Sinais e símbolos de classes e castas
4 Vida militar	<ul style="list-style-type: none"> a. Divisões b. Armas c. Uniformes d. Militares e comandantes

TABELA 4 CATEGORIZAÇÃO DE ELEMENTOS CULTURAIS SOCIOPOLÍTICOS

Embora os nomes da maioria das subcategorias sejam suficientemente transparentes, alguns casos precisam de ser concretizados com exemplos. A subcategoria *Detalhes de localizações* refere-se às características urbanísticas e arquitetónicas das áreas habitadas. Então, inclui denominações culturalmente específicos de ruas, edifícios, monumentos, etc. Também deve ser notado que a subcategoria *Sinais e símbolos de classes e castas* inclui símbolos usados por certas ideologias políticas, tal como uns tipos de reconhecimentos (por exemplo, medalhas) (Ibid.).

3.2. Estratégias para traduzir palavras culturalmente marcadas

A classificação das estratégias de tradução que usaremos neste trabalho é o resultado de uma análise crítica de várias categorizações previamente estabelecidas. As diferenças entre eles variam de mínimos, isto é, a nomenclatura, às maiores, como o número de estratégias. Na Tabela 5, comparámos teorias de cinco autores – N. Pavlović (2015: 71 – 81), V. S. Vinogradov (2001: 117 – 118), A. L. Semenov (2008: 78 – 81), A. V. Fedorov (2002: 207 – 214) e J. F. Aixelá (1996: 60 – 65).

	Pavlović	Vinogradov	Semenov	Fedorov	Aixelá	Sugestão
1	Empréstimo	Transcrição e transliteração	Transliteração	Transliteração	Adaptação ortográfica	<i>Adaptação ortográfica</i>
2		x	x	x	Repetição	<i>Empréstimo</i>
3	Neologismo	x	x	x	x	<i>Neologismo</i>
4	Tradução literal	Tradução literal	Tradução literal	Tradução literal	x	<i>Tradução literal</i>
5	Equivalente cultural	Assimilação	Assimilação	Assimilação	Naturalização	<i>Naturalização</i>
6	x	x	x	x	Universalização limitada	<i>Alternativa cultural</i>
7	x	Tradução hiponímica	x	Tradução hiponímica	x	<i>Tradução hiponímica</i>
8	x	Tradução hiperonímica	x	x	Universalização absoluta	<i>Tradução hiperonímica</i>
9	Tradução descritiva	Tradução descritiva	Tradução descritiva	Tradução descritiva	Comentário extratextual	<i>Tradução descritiva</i>
10	x	x	x	x	Criação autónoma	x
11	Adição	x	x	x	Comentário intertextual	<i>Adição</i>
12	Omissão	x	x	x	Eliminação	<i>Omissão</i>
13	x	x	x	x	Tradução linguística (não cultural)	<i>Equivalente oficial</i>
14	x	x	x	x	Sinonímia	<i>Sinonímia</i>

TABELA 5 CLASSIFICAÇÕES DE ESTRATÉGIAS PARA TRADUÇÃO DAS PALAVRAS CULTURALMENTE MARCADAS

As estratégias listadas na Tabela 2 foram combinadas uma com a outra de acordo com as explicações fornecidas pelos autores. A maioria delas corresponde parcial ou totalmente, enquanto algumas não têm correspondência direta. A adaptação ortográfica, naturalização e tradução descritiva são as únicas constantes em todas as cinco teorias.

Quando observadas individualmente, nenhuma das classificações que analisámos parece cobrir todos os aspetos da tradução cultural. No entanto, acreditamos que a maioria delas são formas completamente válidas para superar as lacunas culturais. Por esse motivo, sentimos a necessidade de apresentá-las na forma de um grupo concluído. Esse grupo encontra-se na última coluna da Tabela 2 e é etiquetada como *sugestão*. A *criação autónoma*, proposta pelo Aixelá, não foi incluída. Ela envolve a adição de um elemento cultural da língua-alvo na tradução, mesmo que referências culturais não existam no texto original (1996: 64). Foi excluída, porque ela não está realmente relacionada com o tratamento de elementos culturais, ou seja, a transferência deles de um idioma para o outro. É apenas um exemplo de um estilo de tradução mais livre. Tentámos tornar a nomenclatura da nossa classificação sugerida a mais transparente possível. Alguns dos nomes usados pelos cinco autores eram suficientemente explícitos para serem usados na nossa classificação, por isso não foram mudados. Isso não incluiu os nomes *universalização limitada* e *tradução linguística (não cultural)* de Aixelá. Visto que ele foi o único autor a mencionar esses métodos, fomos forçados a criar novos nomes – *alternativa cultural* e *equivalente oficial* – na esperança de torná-los mais compreensíveis.

3.2.1. Empréstimo e adaptação ortográfica

O empréstimo é uma estratégia bastante simples. Envolve a apropriação de uma unidade lexical ligada à cultura na sua forma original e a sua colocação no texto traduzido. O método é mais apropriado para lidar com topónimos, mas não está limitado a isso. Por outro lado, empréstimos com adaptação ortográfica requerem alguns ajustamentos na forma da palavra para que ela se encaixe ortograficamente na língua-alvo. A sua importância é mais perceptível em traduções entre línguas cujos sistemas de escrita não correspondem. Em tais casos, o tradutor pode ainda optar pela transcrição ou transliteração (Aixelá 1996: 61). As palavras estrangeiras que são introduzidas de tal forma geralmente acabam a ser aceitas pela comunidade da língua-alvo e tornam-se parte da sua consciência linguística, mas isso nem sempre acontece. As duas estratégias são regularmente usadas e são responsáveis pela maioria dos casos de enriquecimento de um idioma com vocabulário estrangeiro (Pavlović 2015: 73 – 74).

Emprestar o léxico ligado à cultura para fins de tradução certamente permite ao tradutor resgatar alguma autenticidade cultural do original. O possível efeito negativo é que os

leitores não entenderão o significado completo da palavra emprestada (Semenov 2008: 78 – 79). Esse problema pode ser evitado com comentários que a explicam brevemente. Tal técnica é praticamente obrigatória se a palavra for uma novidade completa para os leitores-alvo. É essencial saber que o uso excessivo dessa estratégia também pode comprometer a integridade da língua-alvo e as ligações lógicas dentro do texto. É por isso que os tradutores precisam de ter tato ao emprestar palavras estrangeiras (Fedorov 2002: 208 – 209).

3.2.2. Neologismo

Quando uma palavra ligada à cultura é completamente desconhecida para os falantes da língua-alvo e está a ser introduzida pela primeira vez, o tradutor tem a opção de criar autonomamente uma palavra nova, ou seja, um neologismo. O formato morfológico da maioria dos neologismos é baseado nas palavras da língua-alvo, mas os tradutores não estão limitados só a este tipo de formação lexical. O sucesso de tal método depende dos leitores-alvo. Se eles responderem positivamente a ela, a palavra perde a sua etiqueta inicial de neologismo e é aceita no vocabulário, o que facilita futuras traduções entre os idiomas em questão (Pavlović 2015: 81).

3.2.3. Tradução literal

Conhecida também como *calco*, a tradução literal refere-se ao empréstimo dos termos culturais da língua-fonte através da tradução direta. As unidades lexicais criadas dessa maneira tendem a destacar-se na língua-alvo, porque algumas das suas marcas culturais não podem ser apagadas. Os calcos recém-criados podem ser confusos para leitores, mas, em alguns casos, os falantes começam a usá-los ativamente (Pavlović 2015: 75 – 76).

3.2.4. Naturalização

O tradutor também pode procurar equivalentes adequados para elementos culturais dentro da cultura-alvo. As palavras que participam desse processo nunca podem ter o mesmo valor linguístico, pois, refletem duas realidades diferentes, mas alguns contextos permitem que o tradutor aproveite ao máximo as suas semelhanças (Pavlović 2015: 76 – 77). Embora

seja um método raramente utilizado, desempenha um papel importante na adaptação linguística de literatura infantil (Aixelá 1996: 63).

Não é aconselhável usar elementos lexicais que tenham conotações culturais dominantes, porque isso pode causar distrações e confusão entre os leitores. Para que uma palavra se misture ao texto, a diferença nos significados entre ela e o lexema original precisa de ser maximamente sutil (Fedorov 2002: 212 – 213).

3.2.5. Alternativa cultural

A alternativa cultural tem o mesmo princípio que a estratégia descrita anteriormente. A única diferença é que esta inclui uma substituição com outro elemento cultural da língua-fonte. Às vezes os membros da cultura-alvo não estão familiarizados com o elemento que está a ser referido no original, mas reconhecem um similar da mesma cultura. O tradutor pode explorar tal situação com o propósito de uma tradução totalmente compreensível. Ele, então, substitui os dois elementos culturais, mas preserva a impressão cultural que permite ao leitor-alvo saber que ele está a ler um texto estrangeiro (Aixelá 1996: 63).

3.2.6. Tradução hiponímica e hiperonímica

A tradução hiponímica significa a substituição de uma palavra culturalmente marcada por outra com um significado mais amplo, ou seja, pelo seu hiperónimo (Fedorov 2002: 214). As conotações culturais das palavras estão inevitavelmente e completamente perdidas com essa tradução (Aixelá 1996: 63). Quando o tradutor usa a tradução hiperonímica, ele tenta especificar um termo na tradução, ou seja, substitui-lo com um dos seus hipónimos. Na prática de tradução, essa estratégia é geralmente evitada (Vinogradov 2001: 117).

3.2.7. Tradução descritiva e adição

A tradução descritiva permite aos tradutores explicarem em detalhes o significado de uma palavra culturalmente marcada. Com tal tradução, há uma possibilidade muito baixa de entender mal o texto (Semenov 2008: 79 – 80). Por outro lado, as explicações podem conter comentários extensos, o que dificulta a leitura. Também é preferível usar essa técnica quando

os elementos culturais são mencionados numa única instância e não várias vezes ao longo do texto. Por causa disso, os tradutores geralmente escolhem outras estratégias mais simples (Fedorov 2002: 211). A tradução descritiva não está necessariamente integrada no texto da tradução. É frequentemente usada na forma de uma anotação ou no glossário, especialmente quando serve como uma explicação de palavras traduzidas com outras técnicas (Pavlović 2015: 79 – 80).

A estratégia de adição pode ser vista como uma versão bastante simplificada da tradução descritiva. Se o tradutor achar que a sua tradução não é suficientemente clara, mas não quiser usar descrições complicadas, ele pode simplesmente adicionar um detalhe que ajude os leitores a entender o texto (Aixelá 1996: 62). Essa técnica geralmente é combinada com empréstimos (Pavlović 2015: 80).

3.2.8. Omissão

A estratégia de omissão implica a exclusão de certos elementos do original no processo de tradução. Somente os elementos sem importância para o significado total do texto podem ser excluídos (Komissarov 1990: 204). O tradutor é responsável por avaliar em que situação essa técnica é aceitável, e quando não há motivos para usá-la (Fedorov 2002: 173).

3.2.9. Equivalente oficial

Equivalentes oficiais são palavras da língua-fonte e da língua-alvo cuja relação de equivalência tornou-se parte da tradição translacional. Esses pares linguísticos são amplamente aceites numa comunidade cultural como equivalentes e são compreensíveis para todos os seus membros (Aixelá 1996: 61 – 62). Ao longo deste capítulo, mencionámos várias técnicas que habilitam esse tipo de conexão entre idiomas, ou seja, culturas.

3.2.10. Sinonímia

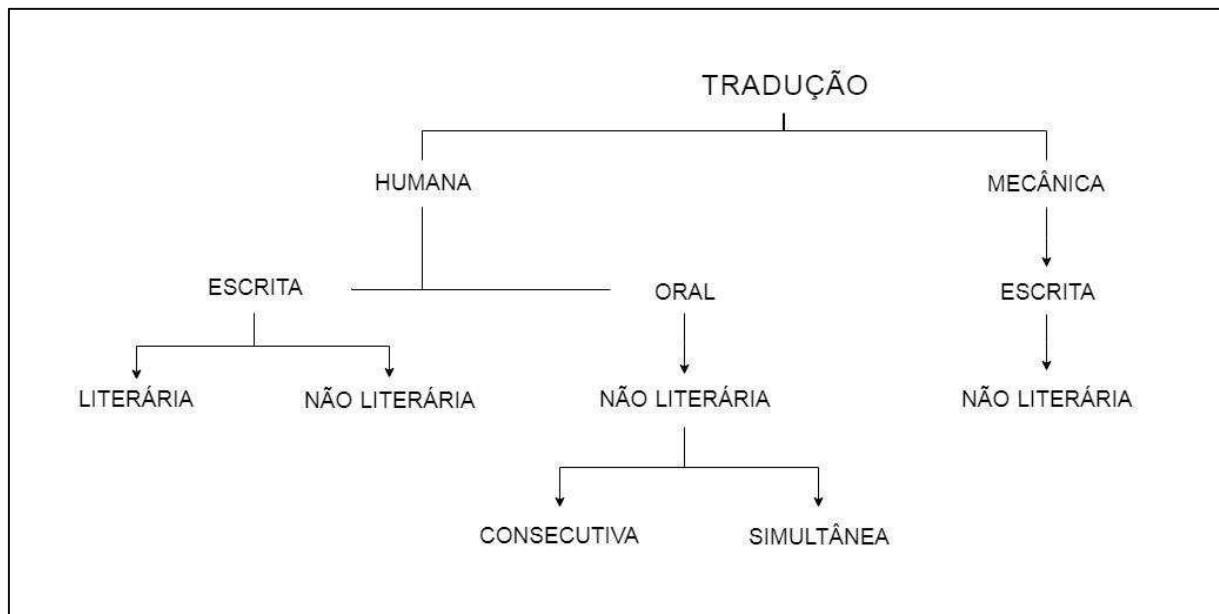
A sinonímia na função de estratégia translacional é considerada apenas quando o tradutor já transferiu o elemento cultural em questão. Tradutores recorrem a este método

como uma forma de evitar repetições desnecessárias que diminuem a qualidade estilística do texto (Aixelá 1996: 63).

4. A classificação do processo de tradução

De acordo com qualquer outra atividade mental humana, a tradução não pode ser percebida como um fenómeno unidimensional e indivisível. Na verdade, é um sistema complexo de diferentes formas e tipos de tradução, e cada um deles realiza-se em circunstâncias distintas. Isso determina as estratégias que o tradutor pode ou deve usar, mas também estabelece requisitos na forma de conhecimentos e habilidades adicionais (Komissarov 1990: 94). Portanto, o tradutor não pode abordar cada uma das suas tarefas com o mesmo atitude ou aplicar as mesmas técnicas, porque a aceitabilidade do resultado de uma técnica depende do material que o tradutor está a traduzir (Fedorov 2002: 272).

O notável tradutor croata V. Ivir apresentou um esquema hierarquicamente organizado que nos dá uma ideia clara de como é que o sistema de tipos de tradução funciona, e quais relações se estabelecem dentro dele.



ESQUEMA 1 REPRESENTAÇÃO ESQUEMÁTICA DA CLASSIFICAÇÃO DE TRADUÇÃO (IVIR 1978: 25)

O primeiro nível da hierarquia refere-se ao tradutor, isto é, quem ou o que realiza o processo de tradução. Essa divisão representa a forma de tradução e inclui as variantes humana e mecânica. Mais uma forma de tradução está localizada no segundo nível da classificação e é determinada pelos meios utilizados para enviar a mensagem ao destinatário da informação. O meio pode ter um caráter escrito ou audível, o que resultou em duas formas de tradução – escrita e oral. O próximo nível diz respeito aos tipos de tradução, baseando-se nas características dos materiais que estão a ser traduzidos. A ideia geralmente aceita é que isso pressupõe a tradução literária e não literária. Finalmente, a forma de tradução oral tem uma divisão adicional (simultânea e consecutiva) que depende do momento em que a tradução ocorre em relação à mensagem original (Ivir 1978: 25).

Considerando o facto que neste trabalho estamos a analisar a tradução de elementos culturais num romance, a nossa atenção vai estar somente na tradução dos textos literários. A comparação com outros tipos de tradução e a especificação de características relevantes de materiais literários nos ajudará a entender melhor o que esse tipo de processo requer.

4.1. Texto literário

Ao criar um texto literário, cada escritor tem o objetivo de modelar uma poética que afetará a emoção do leitor, mas também o seu senso de estética e de arte. Essa função do texto é inerente exclusivamente à literatura e, precisamente por causa disso, os teóricos enfatizam frequentemente a particularidade de obras literárias em relação a outras formas de texto escrito (Komissarov 1990: 95). Nesse contexto, a própria linguagem em que o autor escreve tem um papel importante. Ela torna-se um meio de criar a informação poética e de transmiti-la à consciência dos leitores. O caráter estilístico da língua é de extrema importância nesse processo (Ivir 1978: 32).

Em comparação com outros tipos de materiais escritos, a literatura é consideravelmente mais flexível e mais versátil. Por isso, escritores têm uma grande liberdade artística na sua expressão e na seleção dos elementos lexicais e sintáticos. A estrutura de obras literárias é muitas vezes baseada na combinação de dois estilos funcionais: o estilo artístico e o estilo conversacional. No plano léxico, isso é alcançado através de, por exemplo, dialetismos, arcaísmos, palavras de origem estrangeira ou palavras da fala quotidiana. Além disso, o escritor não é obrigado a limitar-se ao significado primário das unidades lexicais, mas

também pode usar o seu potencial metafórico (Fedorov 2002: 277). Do ponto de vista da sintaxe, o escritor não precisa de seguir as normas gramaticais da língua padrão. Ele pode enriquecer os seus textos com várias figuras estilísticas relacionadas com a sintaxe (por exemplo, frases incompletas, a omissão de certos elementos, etc.). O nível de complexidade, ou seja, simplicidade de frases também depende unicamente das preferências do escritor (Ibid.: 279 – 280).

Na análise da configuração lexical e sintática de um texto literário, é fundamental considerar o estilo pessoal do escritor. Ele constrói-o escolhendo entre os elementos estilísticos acima mencionados aqueles que, de melhor forma possível, representarão a sua ideia artística. Essa escolha é única para cada autor, mas ela é fortemente influenciada por fatores de realidade extralinguística. O primeiro fator é o ambiente nacional com que o escritor identifica e dentro do qual ele desenvolve a sua criatividade. O segundo fator, mas não menos importante, é o período histórico em que o escritor viveu, já que a atmosfera geral da sociedade é frequentemente refletida na literatura (Ibid.: 336).

4.2. A especificidade da tradução literária

Da mesma forma que as múltiplas dimensões da literatura resultaram num amplo espectro de estilos de escrita, elas também manifestaram-se na forma de numerosos géneros literários. Naturalmente, isso implica numerosas abordagens diferentes para a tradução de tais textos (Komissarov 1990: 97). Embora cada uma dessas abordagens seja interessante à sua maneira, neste trabalho apresentaremos brevemente os princípios que são geralmente aplicáveis à tradução de todas as obras literárias.

Quando o tradutor decide realizar uma tradução de um determinado texto literário, o seu primeiro passo deve ser o estudo do contexto cultural e linguístico da obra, a fim de obter uma tradução mais precisa e completa (Semenov 2008: 33). Ele também deve estar ciente, em todos os momentos, que a sua tradução nunca pode ser idêntica ao original. O processo de tradução é condicionado pelo facto que ele ocorre entre duas línguas, ou seja, duas culturas e dois modos diferentes de expressão. Portanto, a tradução é criada num contexto literário, estilístico e social completamente diferente do que o original, e o tradutor não consegue replicar as características de uma cultura linguística dentro da estrutura da outra. Um fator influente é que cada pessoa, até mesmo um tradutor profissional, entende uma obra de arte de

uma maneira diferente. Afinal, isso afeta a escolha das soluções translacionais (Vinogradov 2001: 24). Entretanto, textos literários suportam a técnica de tradução livre muito melhor do que outros tipos de materiais. Graças a isso, o tradutor pode interpretar o texto na medida exigida pela língua-alvo, mas sem perder a função poética da obra. Devido às limitações acima mencionadas, o tradutor só pode aproximar-se ao original com a própria tradução, tanto na totalidade do texto quanto nas suas partes e aspetos individuais (Premur 1998: 8 – 9). O tradutor deve ser suficientemente ágil para adaptar a expressão estilística do original às condições estilísticas da língua-alvo e, ao mesmo tempo, fornecer ao leitor a mesma experiência estética que o leitor do original recebeu. A tradução literária pode, na verdade, ser definida como o entrelaçamento da competência linguística e da criatividade artística (Ibid.: 165).

4.3. A categorização da tradução literária

Embora tenhamos interpretado a tradução como um sistema ramificado, a noção de tradução literária é estreitamente definida como exclusivamente humana e escrita (Ibid.: 164). A disponibilidade, rapidez e simplicidade do uso dos tradutores mecânicos são certamente as características que atraem os usuários, mas simplesmente não podemos ignorar a importância que a qualidade tem quando se fala de qualquer tipo de tradução. Apesar de ter vantagens muito atraentes à primeira vista, tradutores mecânicos não são aceitáveis para a tradução literária por causa da sua base limitada, ou quase inexistente, de conhecimentos contextuais. Eles não podem reagir a qualquer sutileza, ambiguidade ou informações implícitas que um homem, tanto um ser cultural quanto intelectual, pode incorporar num único texto, para cuja compreensão e tradução são necessários factos extralinguísticos (Volk 1998: 5). O princípio de funcionamento que está na base dos tradutores mecânicos é outra razão pela qual esse tipo de tradução pode ser problemático para materiais literários. O processo da tradução mecânica consiste em três partes: a divisão da frase da língua-fonte em componentes menores, que são depois traduzidas para a língua-alvo e são, se necessário, reordenadas. Esse sistema não é amplamente aplicável, porque reconhece só frases frequentemente usadas, o que não corresponde com o elemento da criatividade encontrada na literatura (Salton, Ross e Kelleher 2014: 2 – 3).

Na tradução oral também não há condições para assegurar uma tradução satisfatória de um texto literário. Seja o tipo consecutivo ou simultâneo, o processo da tradução oral

desenvolve-se dentro da consciência do tradutor a uma velocidade incrível. As soluções translacionais devem ser instantâneas e decisivas, pois, o tradutor não tem tempo para estudar a mensagem original ou usar dicionários, enciclopédias ou qualquer outro tipo de fonte (Komissarov 1990: 98 – 100). Na tradução oral, a coisa mais importante é transmitir o conteúdo e o significado da mensagem original ao ouvinte, enquanto a sua forma fica um elemento bastante subordinado. Conseqüentemente, o tradutor não pode dar-se ao luxo de mudar o seu foco para as características estilísticas da mensagem, nem pode explicar mais detalhadamente quaisquer informações implicadas (Premur 1998: 157). No subcapítulo anterior, já destacámos esses elementos como vitais para textos literários. O tradutor não pode recriar a função poética do texto literário sem as transferir para a tradução. Podemos concluir que os requisitos dos textos literários não são complementares às capacidades da tradução oral.

4.4. A crítica da classificação tradicional dos tipos de tradução

A divisão da categoria de tipos de tradução de acordo com um princípio binário, ou seja, a divisão na forma literária e não literária, é uma ideologia que está firmemente enraizada na prática de tradução (Premur 1998: 164). Ela também tornou-se parte do esquema de V. Ivir⁵, mas ele não é o único teórico que reconhece a classificação binária como a norma. Na sua versão dessa classificação popular, A. L. Semenov (2008: 33) atribuiu apenas um nome mais específico à tradução não literária, chamando-a de *especial*. Outro exemplo da classificação binária é apresentado por especialista de tradução russo V. N. Komissarov (1990: 94 – 97). A sua classificação é baseada exclusivamente na função do texto ou da mensagem. O resultado são dois tipos de tradução, correspondentes ao tipo literário e não literário, que mencionámos anteriormente. A única diferença entre eles é a nomenclatura. V. N. Komissarov usa os nomes *tradução artística (literária)* e *tradução informativa (especial)*, porque refletem a função de cada tipo de material traduzido. Por serem sinónimos, as denominações podem ser reduzidas a *literária* e *não literária*. Isso facilitará a indicação do contraste entre os dois conceitos, que será um fator muito importante na avaliação da aceitabilidade da classificação binária.

⁵ Ver Esquema 1

À primeira vista, uma classificação binária dos tipos de tradução parece ser uma solução muito simples e até óbvia. Essa é provavelmente a razão pela qual muitos linguistas a introduziram nas suas teorias. No entanto, a simplicidade nem sempre é o melhor conceito de sistematização, especialmente quando é necessário cobrir uma ampla gama de materiais traduzidos. Até V. Ivir (1978: 31) concorda com isso e afirma que a divisão na tradução literária e não literária não é efetiva ou completamente aplicável, porque os elementos tipicamente encontrados em textos literários frequentemente aparecem em textos não literários e vice-versa. Em alguns casos, os elementos «estrangeiros» são tão notáveis que é difícil distinguir que características e funções prevalecem num texto ou numa mensagem. Assim são criados tipos híbridos, que, devido à dualidade do seu caráter, dificilmente podem ser classificados como qualquer um dos dois tipos principais de tradução.

Além disso, devemos levar em conta que a tradução literária às vezes é percebida como a mais alta forma de tradução, precisamente porque insiste nas habilidades artísticas e criativas dos tradutores (Ibid.: 31). Talvez essa atitude tenha influenciado a formação de uma classificação incompleta. A insistência em combinar todos os outros estilos funcionais num grupo só, apesar das suas diferenças, pode ser interpretada como uma tentativa de sublinhar mais uma vez as peculiaridades e o predomínio da tradução literária.

5. Ivo Andrić – escritor e político

Filho de uma família croata, Ivo Andrić nasceu em 9 de outubro de 1892, na aldeia Dolac, localizada perto de Travnik, na Bósnia e Herzegovina, que naquela época estava ocupada pelo Império Austro-Húngaro. Muito cedo na sua infância, ele perdeu o seu pai e mudou-se para Višegrad, onde morava com a sua tia até se matricular numa escola secundária em Sarajevo. Esse período da sua juventude é de grande importância. Além de ter começado a desenvolver o seu talento para a escrita, Andrić tornou-se um membro ativo do grupo ativista Mlada Bosna, cujas atitudes políticas e culturais orientadas pela Jugoslávia influenciaram muito o seu estilo literário, mas também a sua escolha de temas nas suas obras criativas. Entre 1912 e 1914, ele mudou três universidades – a de Zagreb, da Viena e, finalmente, a Universidade Jaguelônica em Cracóvia (Visković 2010: 29).

A participação no grupo Mlada Bosna rapidamente mostrou-se problemático para Andrić. Nomeadamente, uns membros desse grupo organizaram o atentado em Sarajevo que

matou Franz Ferdinand em 1914. As autoridades acreditaram no envolvimento de Andrić, e ele foi preso. Foi libertado apenas em 1915 e, por causa do internamento, não podia continuar os seus estudos. Mudou-se para Ovčarevo, onde vivia com a sua mãe na casa do franciscano A. Perčinlić. Esse período da sua vida representa mais uma fonte de inspiração importante para as suas obras literárias, visto que ele estudou intensamente a vida e a história dos franciscanos, especialmente daqueles que viviam na época do Império Otomano (Ibid.: 29).

No ano 1920, a vida de Andrić assumiu uma nova dimensão. Ele iniciou a sua carreira diplomática em Belgrado e, nos seis anos seguintes, viveu em numerosas cidades europeias – Roma, Bucareste, Trieste, Graz, Paris, Marselha, Genebra. Além disso, ele teve a possibilidade de participar de alguns dos eventos políticos mais significativos, por exemplo, a assinatura do Pacto Tripartido em 1941. No entanto, durante a Segunda Guerra Mundial, Andrić deixou a cena política e dedicou-se completamente a literatura, até a sua morte em Belgrado, em 13 de março de 1975 (Ibid.: 29 – 30).

5.1. Bibliografia

Após uma breve observação, poderíamos dizer que a obra literária do Andrić é dividida em dois ciclos, baseados nos gêneros literários dentro dos quais ele escrevia. Consequentemente, o primeiro ciclo inclui as suas obras líricas. Andrić iniciou-o muito cedo, já na escola secundária, apresentando-se como poeta ao mundo literário em 1911 com as obras *U sumrak* e *Blaga i dobra mjesečina* (Ibid.: 30). No contexto da Croácia, seis poemas de Andrić foram publicadas em 1914 no livro *Hrvatska mlada lirika*. Contudo, o ciclo lírico durou relativamente pouco, uma vez que Andrić mostrou as primeiras tendências para a escrita prosaica já em 1918 com *Ex Ponto*, uma coleção de poemas em prosa (Ibid.: 29).

O segundo ciclo, denotado como prosaico, começou em 1920 com a novela *Put Alije Derzeleza*. No ano 1924, Andrić lançou o primeiro livro de contos *Pripovetke* em que ele escreveu em croata pela última vez. Nesses trabalhos, ele transpôs todas as experiências e eventos que acumulava durante o seu serviço diplomático em vários países europeus. Devemos também destacar as obras *A ponte sobre o Drina*, *A crónica de Travnik* e *Gospođica*. Os três romances foram escritos durante a Segunda Guerra Mundial, quando Andrić desistiu da sua carreira política. Todos foram publicados em 1945. Graças a eles, Andrić ganhou grande popularidade e recebeu muitos reconhecimentos fora das fronteiras da

Jugoslávia. O reconhecimento mais significativo é certamente o Prémio Nobel de Literatura, concedido a Andrić em 26 de outubro de 1961 (Ibid.: 30). Andrić não apenas escrevia literatura, mas igualmente a traduzia. Tratava-se geralmente da poesia do modernismo esloveno, mas Andrić também estava entre os primeiros tradutores que possibilitaram a leitura das obras do poeta americano Walt Whitman na Jugoslávia (Lovrenović 2008).

5.2. O estilo literário de Andrić

A língua em que Andrić escrevia não é tão estilisticamente interessante quanto o facto de ela ter causado uma acesa discussão político-cultural entre a Croácia e a Sérvia, porque ambos os países queriam enriquecer a sua herança literária com as obras de Andrić. A nacionalidade de Andrić não seja disputável, e ele escreveu numerosas obras em croata. Mas, a questão da «afiliação nacional» da sua literatura não foi resolvida até hoje, porque ele usou a língua sérvia para a sua expressão artística na maioria das suas obras (Ibid.). O linguista sérvio Ž. Stanojčić (1967: 52) avisa que a sua decisão deve ser contextualizada em relação à situação política e social na Jugoslávia, quando a ideia da comunidade jugoslava era ainda muito proeminente. Consequentemente, ele interpreta essa mudança da língua como um tipo de declaração política e nota que a decisão de Andrić foi motivada pelo seu desejo de criar uma literatura jugoslava numa língua comum. Mesmo assim, Ž. Stanojčić não nos oferece uma explicação concreta que nos ajudará a entender porque é que Andrić escolheu sérvio para realizar a sua ideologia, e não a sua língua nativa.

Andrić certamente não se limitou ao sérvio, porque ele ainda incorporava a língua croata nas suas narrativas, mas isso foi realizado na forma de palavras individuais. Além disso, algumas personagens também ainda falavam croata. Esses elementos aleatórios apareceram por dois motivos. Em primeiro lugar, as formas croatas dessas palavras tinham para Andrić uma nota emocional-expressiva, e ele usou-as com esse objetivo. Por outro lado, algumas das palavras escolhidas não tinham necessariamente qualquer função estilística intencional, mas Andrić, um falante nativo de croata, escreveu-as espontaneamente e inconscientemente (Ibid.: 53 – 24). A segunda característica linguística encontrada em numerosas obras de Andrić é o uso intensivo de unidades lexicais que não fazem parte da língua normativa, por exemplo, dialetismos, arcaísmos e especialmente palavras de origem turco. O objetivo de tal seleção lexical era evocar um tempo e um lugar específico da maneira

mais vívida possível, mas também representar realisticamente as pessoas que existiam dentro desse determinado cronótopo através da sua fala e forma de expressão (Ibid.: 78 – 79).

Na verdade, a tendência de Andrić para mostrar minuciosamente uma sociedade é muito pronunciada nas suas obras. Recontar as histórias preservadas entre os membros de uma comunidade representa a narrativa fundamental para os seus contos, romances e outros trabalhos. Essas tendências refletem-se na técnica de narrativa pela qual Andrić tenta evocar um estilo presente em lendas e contos populares antigos (Džadžić 1988: 1 – 6).

5.3. A antiga Bósnia na função de tema principal

A fonte mais significativa de inspiração para Andrić está contida na história da sociedade da Bósnia e Herzegovina. O tema da *antiga Bósnia* tornou-se ao longo do tempo a espinha dorsal da expressão literária de Andrić. Ela é particularmente perceptível nas obras escritas após a Segunda Guerra Mundial (Visković 2010: 30). As narrativas que Andrić escreveu sobre a Bósnia são tão reais quanto elas são o produto da sua criatividade. De facto, eles revelam a sua proeminente afinidade com a vida humana autêntica, em vez de mundos artificialmente criados. No entanto, as suas narrativas não são reduzidas a uma recontagem simples e monótona dessas histórias. Andrić, através dos factos históricos cuidadosamente selecionados e destinos reais dos habitantes da Bósnia, apresenta as suas próprias interpretações da vida humana, adicionando assim às suas obras uma dimensão de reflexão (Ibid.: 31).

5.4. O romance *A ponte sobre o Drina*

O romance mais importante de Ivo Andrić, *A ponte sobre o Drina*, foi publicado em 1945 e pode ser definido como a crónica da cidade de Višegrad. O enredo do romance estende-se do século XVI até o final da Primeira Guerra Mundial. É um desdobramento de uma era de Višegrad (e no plano maior, a Bósnia) desde a construção da ponte sobre o Drina até a sua demolição. Andrić faz isso com uma exposição linear das muitas histórias turbulentas dos habitantes da cidade – muçulmanos, cristãos ortodoxos e judeus. Embora as histórias pareçam não estar relacionadas, elas estão todas conectadas pela ponte que representa o motivo central do romance. A ponte – uma construção sólida e duradoura – está

em oposição à natureza frágil e transitória do homem e da sua vida, o que Andrić habilmente mostrou com o seu talento para narração (Ibid.: 31).

A obra não é interessante apenas por causa da temática, mas também em termos da sua estrutura, que foi cuidadosamente analisada por H. R. Cooper, um especialista em literatura eslava. Ele observou que Andrić formulou o conceito do romance com a ajuda de três princípios – o princípio do tempo, da caracterização e da percepção. O primeiro princípio divide os 24 capítulos do romance em três grupos, dependendo do período em que os capítulos ocorrem. O início de cada grupo é claramente definido pelos chamados «capítulos introdutórios». Andrić não descreve eventos específicos neles, como nos outros, mas tenta apresentar o estado geral da sociedade que vive na época em questão. Os primeiros quatro capítulos pertencem ao primeiro grupo em que o autor revela eventos que ocorrem paralelamente à construção da ponte, concluída em 1571. O segundo grupo engloba um tempo mais amplo que começa no capítulo V e acaba com o capítulo XV. Os leitores têm a possibilidade de conhecer um período de três séculos, ou seja, do século XVII ao final do século XIX. Os últimos nove capítulos focam-se nos eventos do início do século XX, o que torna o ano 1914 o final do romance (1983: 367 – 368).

O segundo princípio, que diz respeito à caracterização das personagens, é complementar ao primeiro. Também é realizado dentro dos três grupos já estabelecidos, só que neste caso cada um deles representa um período da vida humana com a ajuda da idade das personagens. Cada fase das suas vidas está em constante sincronia com o estado da ponte. Nos capítulos do primeiro grupo, as histórias são relacionadas com crianças, e é nessa parte do livro que o leitor segue paralelamente a construção da ponte. Personagens centrais no segundo grupo são jovens, com todos os seus sonhos, planos e potenciais. A terceira e última parte do romance concentra-se simbolicamente nas pessoas velhas, mas o motivo da morte é especialmente importante. Junto com as personagens, a ponte empalidece e gradualmente perde a sua utilidade para os habitantes de Višegrad. O romance acaba com a morte de Alihodža e, simultaneamente, a demolição da ponte, o que Andrić usa como uma ilustração do fim da era otomana (Ibid.: 368 – 370).

O terceiro princípio é menos óbvio do que os anteriores. A sua presença vem à luz só quando se contrastam o começo e o fim do romance. Andrić usou-o para mudar gradualmente a perspetiva do narrador em relação à cidade e às personagens, ou seja, para estreitar o seu campo de visão e aguçar o seu foco. O romance começa com o grande plano da cidade, mas

na última parte a perspectiva do narrador reduz-se intensivamente, e ele foca-se numa personagem só – Alihodža. No final, o narrador assume a perspectiva muito limitada de Alihodža moribundo, cuja morte e perda da consciência (isto é, da perspectiva) simbolizam o fim do romance (Ibid.: 370 – 371).

II. Análise

6. Metodologia da análise

Para os propósitos deste trabalho, utilizámos uma análise comparativa do texto original e da tradução portuguesa. A interpretação dos resultados obtidos dessa maneira exigiu duas abordagens: a qualitativa e a descritiva.

A abordagem descritiva foi necessária para a primeira etapa da análise, que inclui a discussão sobre as múltiplas qualidades culturais do título, mas também sobre o processo da sua tradução. A descrição foi utilizada junto com a abordagem qualitativa na segunda etapa, na qual prestámos atenção especial à elaboração das estratégias que os tradutores Lúcia e Dejan Stanković usaram para transferir o léxico culturalmente marcado da língua croata para a língua portuguesa. Os casos mais representativos e interessantes foram escolhidos para a nossa análise e foram divididos em grupos de acordo com a categorização sugerida por S. Vlahov e S. Florin⁶. Analisámos um total de 95 casos de tradução dos elementos culturais, incluindo os contidos no título. Cada exemplo escolhido é acompanhado por uma explicação detalhada e uma identificação da estratégia usada pelos tradutores, bem como uma discussão sobre as possíveis consequências dessas decisões translacionais. Esse processo baseia-se na classificação autonomamente criada e descrita no Subcapítulo 3.2. A dada etapa da análise foca-se também na discussão sobre as possíveis razões pelas quais algumas estratégias foram escolhidas.

7. A marcação cultural do título e a sua tradução

O título pode ter uma influência grande quando o leitor está no processo de decidir se deve ou não ler o livro em questão. É a primeira parte de uma obra que lemos e pode indicar o

⁶ Ver Subcapítulo 3.1.

seu tema. No entanto, os títulos igualmente podem esconder uma complexidade que os leitores às vezes não notam. Um exemplo interessante disso é o título original do romance *A ponte sobre o Drina*. O filólogo croata K. Pranjić analisa quatro valores estilísticos contidos no título no seu artigo *Ivo Andrić u prijevodima*⁷, explicando paralelamente as dificuldades e limitações que esses valores representam para os tradutores devido à sua origem cultural. Segundo ele, o título pode ser analisado a partir do aspeto lexical, sintático e rítmico, bem como do aspeto da herança expressiva (2018: 144 – 146).

Na sua discussão sobre o aspeto lexical, K. Pranjić foca-se completamente na escolha do substantivo *ćuprija*, uma palavra culturalmente marcada, sobre a opção estilisticamente neutra *most*. O primeiro substantivo é de origem turca, e K. Pranjić afirma que o autor do romance usou-o precisamente por causa disso. Para os falantes da língua-fonte, palavras semelhantes representam um período específico da sua história que foi moldado pela longa ocupação otomana na região dos Balcãs. Usando o substantivo *ćuprija*, Andrić aproveitou essas associações históricas, entendidas exclusivamente por falantes nativos de croata e sérvio, para sugerir o tema do seu romance de uma maneira simples, porém, eficiente. K. Pranjić continua a explicar que a perda dessas conotações na tradução é inevitável, considerando que outras comunidades linguístico-culturais não compartilham a mesma experiência histórica e, conseqüentemente, não têm um equivalente adequado. Essas circunstâncias forçaram os tradutores a usar equivalentes do substantivo neutro *most* (Ibid.: 145), o que também se aplica à tradução portuguesa do título. A explicação dada por K. Pranjić coincide completamente com as tendências estilísticas de Andrić⁸.

Para identificar a estratégia de tradução usada na solução mencionada, devemos primeiro especificar o significado do substantivo *ćuprija*. Conforme o dicionário *online Hrvatski jezični portal*, a palavra *ćuprija* é usada principalmente no seu significado histórico para denotar uma ponte de carácter oriental. O substantivo também ocorre em alguns dialetos como um nome para qualquer tipo de ponte, mesmo a mais simples⁹. Se levarmos em consideração o significado histórico, *ćuprija* é simplesmente um tipo específico de ponte. Isso significa que é um hipónimo em relação ao substantivo *most*, incluindo os seus equivalentes em outras línguas. Em conclusão, os tradutores, incluindo os portugueses, optaram por uma tradução hiponímica.

⁷ pt. *Ivo Andrić em traduções*

⁸ Ver Subcapítulo 5.2.

⁹ Disponível em: http://hjp.znanje.hr/index.php?show=search_by_id&id=f1puUBY%253D; Acesso a 15 de agosto de 2019

O valor cultural do aspeto sintático do título, de acordo com K. Pranjić, está ligado à frase *na vrbi svirala*. Ele afirma que a sintática do título e da frase baseia-se num modelo distinto de inversão quando um substantivo no caso locativo preposicional é colocado antes de um substantivo no caso nominativo. Dado que tal modelo é uma ocorrência rara em croata e sérvio, a semelhança entre as duas colocações é mais do que uma coincidência. A frase usa-se quando um plano ou promessa são incertos, razão pela qual Andrić usou esse modelo deliberadamente para refletir essas conotações no título do seu romance. O valor cultural do original é difícil de preservar nas traduções, devido às diferenças nos sistemas linguísticos, mas também porque a expressão *na vrbi svirala* não existe em outras línguas (Ibid.).

Graças à mudança do ordem das palavras no título original, Andrić adicionou um valor rítmico a ele. K. Pranjić descreve a entoação do título como «aberta», que cria a impressão como se o autor estivesse a contar uma história. Essa entoação corresponde perfeitamente ao estilo narrativo de crónicas. Numa comparação de múltiplos títulos traduzidos, K. Pranjić descobriu que o tradutor francês conseguiu transferir a ideia contida no original, usando frases típicas para a narração na literatura francesa (Ibid.: 145 – 146). Para referência, na tradução portuguesa *A ponte sobre o Drina* essa técnica de naturalização não foi utilizada.

Finalmente, K. Pranjić discute a herança expressiva, que é baseada nas tendências da tradição literária croata e sérvia. Ao contrário dos que mencionámos anteriormente, este valor não está ligado apenas ao título. Quando lidos ou pronunciados juntos, o nome do autor e o título do romance formam um decassílabo (*I/vo/ An/Drić/ Na/ Dri/ni/ ću/pri/ja*). Esse tipo de verso é típico para a literatura croata e sérvia, porque se encaixa perfeitamente no sistema rítmico do dialeto stokaviano. No entanto, K. Pranjić avisa que essa conclusão deve ser interpretada com cuidado, pois, não está completamente claro se o autor fez isso intencionalmente ou não (Ibid.: 146).

8. Análise da tradução dos elementos culturais seleccionados

8.1. Elementos culturais geográficos

A menor quantidade de exemplos foi encontrada na categoria dos elementos culturais geográficos. O elemento que considerámos relevante para a nossa análise pertence à subcategoria de espécies endémicas de animais e plantas.

	I. Andrić	L. e D. Stanković	Estratégia
1	„(...) i u njima drže, i jedni i drugi, bez razlike verovanja, sitnu ribu, krkušice i plote , koje uhvate na udicu.“ p. 15	„(...) e aí, uns e outros, sem distinção de fé, conservam os peixes miúdos, que apanham com as suas linhas.“ p. 11	Omissão

TABELA 6 ESPÉCIES ENDÉMICAS DE ANIMAIS E PLANTAS

Na tradução portuguesa, a sintagma inserida *krkušice i plote* foi omitida, mas a colocação que ela especificava (*sitna riba*) foi traduzida para transmitir a ideia geral da frase completa. *Krkušica*, um diminutivo de *krkušica*, é um tipo de peixe de água doce encontrado em quase toda a Europa. Esta espécie é conhecida em Portugal, e os seus nomes comuns em português são barbo-espanhol e gobio¹⁰. *Plota* ou *plotica* é também um peixe de água doce, cujo ambiente natural é limitado aos rios Danúbio e Sava¹¹. Visto que não é típico para Portugal, não encontramos o nome comum em português. Considerando os nossos resultados, é possível que os tradutores tenham usado a estratégia de omissão por duas razões. Em primeiro lugar, apenas um dos termos tem um nome comum na língua-alvo. A tradução de um vocábulo e a omissão do outro não seria uma técnica consistente. Em segundo lugar, a preservação de um lexema raro ou desconhecido exigiria uma explicação, o que perturbaria desnecessariamente a atenção do leitor. Embora uma descrição detalhada da vida quotidiana seja uma característica forte do estilo de Andrić, a omissão dos dois termos não removeu nenhuma informação significativa do texto. Também teve efeito mínimo na estilística do romance por causa dos outros detalhes que foram preservados na tradução do parágrafo em questão.

8.2. Elementos culturais etnográficos

¹⁰ Disponível em: <https://eol.org/pages/46581748>; Acesso a 19 de agosto de 2019

¹¹ Disponível em: <https://eol.org/pages/4630004>; Acesso a 19 de agosto de 2019

Os elementos culturais etnográficos compõem a maior categoria dessa análise pelo número de exemplos encontrados. A maioria dos exemplos analisados enquadra-se nas subcategorias *Vida quotidiana* e *Artes e cultura*. Esse resultado era esperado, pois, essas duas categorias abrangem um escopo amplo de tópicos. Vários exemplos de conceitos étnicos, bem como unidades de medida e moedas foram encontrados, enquanto a subcategoria de trabalho tem apenas dois exemplos.

8.2.1. Vida quotidiana

Nesta subcategoria, não conseguimos encontrar exemplos de transporte que pudessem ser considerados específicos da cultura representada no romance. Também devemos notar que os tipos de relacionamentos e sentimentos humanos foram categorizados como *Outros elementos* na Tabela 11.

	I. Andrić	L. e D. Stanković	Estratégia
1	„(...) izlažu na prodaju prve trešnje i bostan, sabahzorski salepi i vrući simiti.“ p. 16	„(...) põem-se à venda as primeiras cerejas e melões, os primeiros salepes* matinas e broas quentes.” p. 12 <i>*Bebida densa, quente e doce feita de uma raiz medicinal e gengibre.</i>	<i>Empréstimo</i> <i>Tradução descritiva</i>
2	„(...) kuvala se u kotlovima halva i onako vruća delila narodu.” p. 74	„(...) cozinhou-se halva* em grandes caldeirões, e o manjar foi servido, ainda quente, ao povo (...)” p. 71 <i>*Doce oriental feito de sêmola de trigo, manteiga e mel.</i>	<i>Empréstimo</i> <i>Tradução descritiva</i>
3	„(...) izlažu na prodaju prve trešnje i bostan, sabahzorski salepi i vrući simiti .” p. 16	„(...) põem-se à venda as primeiras cerejas e melões, os primeiros salepes matinas e broas quentes.” p. 12	<i>Naturalização</i>

Salep é uma bebida turca, feita a partir do cozimento de tubérculos secados de uma espécie de orquídea encontrada na Turquia e perto do Mar Negro. É visualmente semelhante a leite e é tradicionalmente servido quente para aquecer o corpo. Por isso é geralmente feito durante os meses mais frios do ano. No tempo das conquistas turcas, o costume de beber *salep* espalhou-se pelo Império Otomano (Turgut: 2011). A palavra *salep* não pode ser encontrada nos dicionários online *Priberam* e *Infopédia*, nem no *Corpus do Português*, mas uma pesquisa geral na Internet ofereceu alguns resultados na forma de artigos e receitas. O seu ingrediente principal é registado nos dicionários como *salepo*¹². É óbvio que esse conceito cultural foi introduzido para os falantes da língua-alvo, mas ainda não é familiar o suficiente para ser entendido sem qualquer informação adicional. Essa poderia ser a razão pela qual *salep* foi traduzido com uma combinação de empréstimo e de comentário adicionado fora do texto. Dessa maneira, os tradutores conseguiram familiarizar os leitores portugueses com o conceito estrangeiro, mantendo simultaneamente a coloração cultural do texto. Além disso, os tradutores colocaram em cursivo o elemento culturalmente marcado, enfatizando assim que ele não faz parte da cultura portuguesa. As mesmas estratégias foram usadas para traduzir *halva*, «uma sobremesa oriental feita de farinha, manteiga, mel, açúcar e outros produtos adicionais»¹³. Ao contrário do primeiro exemplo, *halva* praticamente não produz resultados em sites portugueses, nem pode ser encontrada nos dicionários.

Simit é um pão turco com forma de anel. É salgado e feito com sementes de gergelim. Acredita-se que o *simit* tornou-se parte da culinária turca durante o século XVI. Ele ainda é muito popular entre os turcos como comida rápida¹⁴. Na função de equivalente, os tradutores usaram a palavra *broa*, que é um doce tradicional português, geralmente feito para festas cristãs importantes, especialmente durante o Natal¹⁵. Como podemos ver, o termo original tem poucas características em comum com a sugestão dos tradutores. Além disso, a colocação de *broa* no contexto da cultura balcânica e otomana poderia causar confusão para os leitores da

¹² Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/salepo>; Acesso a 19 de agosto de 2019

¹³ Disponível em: http://hjp.znanje.hr/index.php?show=search_by_id&id=fV5jWBc%3D; Acesso a 19 de agosto de 2019

¹⁴ Disponível em: <http://www.turkish-cuisine.org/ingredients-7/ingredients-unique-to-turkish-cuisine-68/simit-sesame-bread-205.html>; Acesso a 19 de agosto de 2019

¹⁵ Disponível em: <https://tradicional.dgadr.gov.pt/pt/cat/doces-e-produtos-de-pastelaria/168-broas>; Acesso a 19 de agosto de 2019

língua-alvo, devido aos seus fortes laços com a herança portuguesa. Considerando isso, não está claro porquê é que os tradutores optaram pela estratégia de naturalização.

As Tabelas 8 e 9 ilustram a tradução de vários tipos de itens de vestuário mencionados no romance. Devido ao grande número das palavras culturalmente marcadas que encontramos nesta categoria, criámos dois grupos. A Tabela 8 inclui roupas e calçados, enquanto a Tabela 9 contém coberturas para a cabeça e outros detalhes.

	I. Andrić	L. e D. Stanković	Estratégia
1	„(...) i nagnu se nad njim da mu raseče sukno od čakšira (...).“ p. 53	„(...) inclinou-se sobre ele para cortar o tecido das calças (...).“ p. 50	<i>Tradução hiponímica</i>
2	„Dokoni i svečani, u atlasi čakširama (...).“ p. 183	„Ociosos e solenes, vestidos com calças largas de seda (...).“ p. 182	<i>Sinonímia</i>
3	„(...) nego nam daju neke puške i benevreke da budemo Švabi hajkači (...).“ p. 353	„(...) metem-nos mas é uma espingarda nas unhas e mandam-nos fazer de batedores na caça (...).“ p. 363	<i>Omissão</i>
4	“(...) ali ostalo odelo, košulja, pojac i jelek (...).” p. 199	“(...) mas o resto do vestuário – blusa, faixa e colete (...).” p. 198	<i>Tradução hiponímica</i>
5	“(...) šljapću bosim nogama ili »krvavim« opancima po raskaljanom putu (...).” p. 33	“(...) patinavam descalços ou com tamancos desfeitos ao longo das estradas enlameadas (...).” p. 30	<i>Naturalização</i>
6	“(...) sa šajkačama na glavama i opancima na nogama.” p. 385	“(...) gorros sérvios e alpercatas de camponeses. ” p. 399	<i>Naturalização</i> <i>Adição</i>
7	“Na njoj su turske šarene dimije (...).” p. 199	„Vestia umas calças coloridas, à maneira turca (...).“ p. 198	<i>Tradução hiponímica</i>
8	“Pod teškom novom feredžom , kao pod oklopom	“Coberta com um véu novo e pesado, como debaixo de uma	<i>Tradução hiponímica</i>

TABELA 8 ROUPAS E CALÇADOS

Čakšire, um termo de origem turca, significa calças masculinas de lã, largas na parte superior e apertadas na parte inferior das pernas. Elas geralmente são usadas como parte de um traje folclórico¹⁶. O lexema é mencionado duas vezes ao longo do romance. No primeiro caso, foi traduzido simplesmente com a palavra *calças*, enquanto a segunda tentativa foi mais específica com a sintagma *calças largas*. Ela fornece um pouco mais de detalhes para os leitores da língua-alvo, mesmo que sejam escassos em comparação com o conteúdo semântico do vocábulo original. Categorizámos a primeira estratégia como tradução hiponímica e a segunda, por causa das semelhanças semânticas, como sinonímia. O termo *benevrecke* não faz parte da tradução. Ele também denota calças masculinas de lã, que, semelhante a *čakšire*, são apertadas nas pernas, mas largas no posterior¹⁷. *Jelek*, um elemento de alguns trajes folclóricos, é um colete curto e sem mangas, feito de vários materiais e reconhecível por um bordado (Vujanić 2007: 508). Na tradução, o elemento foi designado por *colete*, mas detalhes sobre a peça de roupa não foram revelados para o leitor. Caraterizámos esta solução como tradução hiponímica. As estratégias mencionadas possivelmente foram usadas, porque os tradutores não consideraram a preservação desses itens culturais relevante para o entendimento do texto ou para o tom general do romance. De qualquer maneira, a expressão cultural foi omitida da tradução em todos os três casos.

O termo *opanci* refere-se a um tipo de calçado feito de couro e usado por camponeses. Variações dessa peça de roupa podem ser encontradas em vários países eslavos, incluindo os dos Balcãs. O calçado também tradicionalmente faz parte de trajes folclóricos¹⁸. Como solução, os tradutores sugeriram o vocábulo *tamancos*, sapatos de couro com solas de madeira, geralmente encontrados nas áreas rurais¹⁹. Mais tarde no romance, *opanci* foi traduzido com *alpercatas*, uma palavra de origem árabe que denota sapatos de couro ou pano

¹⁶ Disponível em: http://hjp.znanje.hr/index.php?show=search_by_id&id=flTjWRA%3D ; Acesso a 19 de agosto de 2019

¹⁷ Disponível em: http://hjp.znanje.hr/index.php?show=search_by_id&id=eVpvWQ%3D%3D; Acesso a 19 de agosto de 2019

¹⁸ Disponível em: <http://proleksis.lzmk.hr/39774/>; Acesso a 20 de agosto 2019

¹⁹ Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/tamanco>; Acesso a 20 de agosto de 2019

com solas feitas de borracha ou corda²⁰. O termo também foi acompanhado pela especificação *de camponeses* que indica o utilizador usual destes sapatos. Dado que o conceito *opanci* faz parte de traje folclórico, podemos concluir que tem fortes ligações com a identidade cultural de uma comunidade. As soluções dos tradutores não comunicaram este facto para os leitores da língua-alvo. Na verdade, o uso da palavra *alpercatas* poderia criar associações indesejadas na consciência do leitor português por causa do contexto no qual o termo foi usado – uma descrição de soldados sérvios a vestir elementos do traje folclórico sérvio. Ainda assim, devemos notar que ambas as traduções refletem a imagem de calçado tradicional e robusto, típico para partes rurais de um país. Não conseguimos encontrar dados que sugerissem que os *alpercatas* são de origem árabe, assim como a sua denotação. Considerámos ambas as traduções exemplos de naturalização, já que os sapatos não fazem parte do calçado tradicional nos Balcãs, mas são usados e bem conhecidos pelos leitores portugueses. O possível motivo para essa estratégia poderia ter sido a simplicidade da solução, porque ela não inclui palavras desconhecidas ou explicações que causariam distração.

Dimije são calças do traje folclórico muçulmano usado por mulheres. Eles são habitualmente feitos de tecidos mais leves para criar uma forma larga e plissada²¹. Este item também foi substituído por um hiperónimo na tradução portuguesa. O motivo mais provável nesse caso poderia ser o facto que a descrição do item já está contida no original. Quando traduzida, ela não apenas transfere informações sobre o termo da língua-fonte, mas também o seu componente cultural, isto é, a sua ligação com a cultura turca. A preservação do lexema junto com a sua explicação provavelmente parecia excessiva para os tradutores.

Feredža é uma cobertura escura e pesada que as mulheres muçulmanas foram obrigadas a usar em público para cobrir os cabelos e os lados do rosto. O resto do rosto estava coberto por lenços de uma maneira que deixava apenas os olhos visíveis²². Na tradução, o termo foi nomeado como *véu*. No campo semântico da roupa, o *véu* pode ser uma cobertura facial transparente para mulheres ou uma cobertura para a cabeça usada por freiras²³. Classificámos esta tradução como hiponímica, porque *feredža* poderia ser considerada um tipo de véu mais pesado e mais restritivo. Quando analisada por si só, a sugestão dos tradutores parece não transmitir a informação ou a marcação cultural do texto. No entanto, o autor revela explicitamente que o item de vestuário é *pesado*, comparando-o a uma *armadura*.

²⁰ Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/alpercata>; Acesso a 20 de agosto de 2019

²¹ Disponível em: <http://proleksis.lzmk.hr/17788/>; Acesso a 20 de agosto de 2019

²² Disponível em: <http://www.enciklopedija.hr/Natuknica.aspx?ID=19270>; Acesso a 20 de agosto de 2019

²³ Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/veu>; Acesso a 20 de agosto de 2019

Além disso, devemos lembrar que a narrativa do romance baseia-se fortemente na cultura islâmica e turca. Considerando esses factos, os tradutores possivelmente acreditavam que o contexto do romance e do parágrafo eram suficientes para transferir o tom cultural do original, bem como as informações sobre o tipo de véu que está a ser referenciado.

I. Andrić	L. e D. Stanković	Estratégia
1 “(...) odevenih u sure uniforme, sa šajkačama na glavama i opancima na nogama.” p. 385	“(...) de uniformes cinzentos, gorros sérvios e alpercatas de camponeses.” p. 399	<i>Tradução descritiva</i>
2 „(...) sa ogromnom kamilavkom na bujnoj kosi (...)“ p. 150	„(...) com o seu cabelo abundante ... por baixo da grande touca de sacerdote (...)” p. 149	<i>Tradução descritiva</i>
3 „Odmah je izuo čizme, svukao mantiju i skinuo kamilavku (...)“ p. 160	„Apressou-se a descalçar as botas, a despir a sotaina e a tirar o capuz (...)“ p. 158	<i>Sinonímia</i>
4 “(...) sa zagasitocrvenim, plitkim fesovima na glavi (...)” p. 183	„(...) cobertos com um fez chato, vermelho-púrpura (...)“ p. 182 <i>(fez – Barrete vermelho, em forma de conte, utilizado pelos povos do Magrebe e do Médio Oriente, especialmente pelos turcos p. 406)</i>	<i>Equivalente oficial Tradução descritiva</i>
5 “(...) kao visok, crn i tanak krst sa čalmom na vrhu.” p. 141	“(...) era tal e qual uma cruz alta, negra e fina, coroada por um turbante .” p. 140	<i>Alternativa cultural</i>
6 “(...) i preko zavoja nataknuo njegovu ahmediju .” p. 145	“(...) e por cima do penso pôs-lhe o turbante .” p. 143	<i>Alternativa cultural</i>

<p>7 „(...) tako da je izgledao kao „(...) como um estranho colar neobičan derdan u dve boje, a duas cores que brilhava ao koji trepti na suncu.“ p. 274 sol.” p. 280</p>	<p><i>Tradução hiponímica</i></p>
---	-----------------------------------

TABELA 9 COBERTURAS PARA A CABEÇA E OUTROS DETALHES

O chapéu *šajkača* faz parte do traje folclórico sérvio. Tem uma forma distinta, semelhante a um barco, mas os seus lados podem ser puxados sobre as orelhas, se for necessário (Kovačević 2019). Foi traduzido para o português com a sintagma *gorro sérvio*. *Gorro* é um substantivo que indica diferentes tipos de chapéus. Considerando a aparência física de *šajkača*, o substantivo português provavelmente foi usado no significado de um chapéu redondo que se encaixa na cabeça de uma pessoa²⁴. A palavra foi especificada com o adjetivo *sérvio*, que alude à «terra natal» do chapéu. *Kamilavka* é um chapéu tradicionalmente usado por padres ortodoxos e pode ser reconhecido pela forma redonda e alta²⁵. Em alguns casos, pode ser coberto com um véu²⁶. Semelhante ao caso anterior, a solução dos tradutores *touca* tem vários significados. Utilizado neste contexto particular, a palavra provavelmente refere-se a um véu usado para cobrir os cabelos das freiras²⁷. É possível que os tradutores tenham especificado a palavra com a sintagma *de sacerdote*, a fim de neutralizar a conotação de ser estritamente um item de vestuário usado por freiras. Embora as informações fornecidas nestas traduções sejam escassas em comparação com o conteúdo do texto original, elas ajudam os leitores da língua-alvo a visualizar a roupa mencionada. O tom cultural do texto foi preservado em certa medida. No primeiro caso, a origem do chapéu foi explicitamente declarada. No segundo caso, a ligação entre o item e a cultura da igreja ortodoxa só pode ser entendida a partir do contexto. Categorizámos ambas as soluções como tradução descritiva. O vocábulo *kamilavka* foi mencionado novamente algumas páginas depois e foi traduzido com *capuz*, uma peça de vestuário destinada a cobrir a cabeça de pessoas²⁸. Devido às semelhanças entre ele e *touca*, caracterizámos este caso como tradução sinonímica. Embora seja usada uma palavra diferente, ainda é óbvio que ela se refere ao mesmo item não só por causa do seu significado, mas também porque a frase relevante menciona outras roupas usadas por padres.

²⁴ Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/gorro>; Acesso a 20 de agosto de 2019

²⁵ Disponível em: <http://www.ozhegov.com/words/11734.shtml>; Acesso a 20 de agosto de 2019

²⁶ Disponível em: http://hjp.znanje.hr/index.php?show=search_by_id&id=eFZkWxY%3D; Acesso a 20 de agosto de 2019

²⁷ Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/touca>; Acesso a 20 de agosto de 2019

²⁸ Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/capuz>; Acesso a 20 de agosto de 2019

O motivo dos tradutores para essa substituição poderia ter sido a sua praticabilidade em comparação com o comprimento da tradução usada anteriormente.

Fes é um chapéu alto sem aro. É vermelho, feito de lã e geralmente decorado com um pendão. Era uma parte do uniforme militar no Império Otomano, mas mais tarde foi aceite como um item de trajes folclóricos em alguns países balcânicos²⁹. O termo foi traduzido com o seu equivalente oficial *fez*³⁰. Não foi destacado com a escrita cursiva, mas foi explicado no glossário, encontrado no fim do livro. Isso pode significar que os tradutores o consideraram parte do conhecimento comum, e esperam que a maioria dos leitores portugueses esteja totalmente ciente do seu significado e conotações culturais.

Čalma é um tecido fino, colorido ou vermelho, amarrado ao redor de um fez. É um item decorativo, tradicionalmente usado por homens muçulmanos³¹. *Ahmedija* é considerado um tipo de *čalma*. Usa-se de mesma maneira, mas a sua cor indica a que classe social o seu utilizador pertence. O sacerdote muçulmano chamado *dervixe* usa um tecido verde ou preto, enquanto outros sacerdotes usam um tecido branco. Os idosos e os que participaram numa peregrinação normalmente têm um tecido amarelo em volta do seu fez³². Ambos os vocábulos foram traduzidos com *turbante*, um tecido comprido que homens de algumas culturas orientais envolvem em torno das suas cabeças³³. Como podemos ver nas definições apresentadas, há uma pequena diferença entre o texto original e a tradução. Os dois itens decorativos mencionados no texto original são combinados exclusivamente com um chapéu muçulmano tradicional, o que não é o caso com o turbante. Porém, todos os três itens são originários da cultura islâmica e são semelhantes o suficiente para substituir um ao outro neste contexto específico, sem diminuir o valor cultural do romance ou enganar o leitor. Além disso, o conceito *turbante* é evidentemente familiar para os falantes de português, pois, os tradutores não sentiram a necessidade de explicá-lo. Devemos também salientar que *čalma* e *ahmedija* exigiriam uma descrição muito detalhada para que o leitor português perceba a diferença entre eles. Todos os fatores mencionados poderiam ter sido a razão pela qual os tradutores consideraram uma alternativa cultural a solução mais vantajosa. No entanto, devemos notar que o uso do mesmo vocábulo na função de equivalente para diferentes

²⁹ Disponível em: <http://www.enciklopedija.hr/Natuknica.aspx?ID=19378>; Acesso a 21 de agosto de 2019

³⁰ Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/fez>; Acesso a 21 de agosto de 2019

³¹ Disponível em: <http://www.enciklopedija.hr/natuknica.aspx?ID=13157>; Acesso a 21 de agosto de 2019

³² Disponível em: <http://www.enciklopedija.hr/Natuknica.aspx?ID=956>; Acesso a 21 de agosto de 2019

³³ Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/turbante>; Acesso a 21 de agosto de 2019

conceitos faz a tradução parecer simplificada em termos de riqueza das culturas retratadas no romance.

Đerdan é um colar feito de moedas de ouro, tradicionalmente usado como parte de um traje folclórico³⁴. No caso dado, o uso de um elemento culturalmente marcado vai além da criação de uma narrativa autêntica para o leitor. Nesta parte do romance, Andrić usa palavras para «pintar» um quadro poético e culturalmente complexo, comparando o brilho do Drina com as moedas de ouro encontradas num *đerdan*. Isso significa que a peça de joalheria foi mencionada principalmente por causa das suas moedas. No processo de tradução, o substantivo culturalmente marcado foi substituído pelo hiperónimo neutro *colar*. Nenhuma das suas outras características foram divulgadas. Como resultado, as informações poéticas contidas no texto-fonte foram apenas parcialmente transferidas para a tradução, enquanto o seu aspeto cultural foi completamente perdido. É provável que os tradutores não tenham prestado atenção a esse detalhe, porque não o acharam relevante para os leitores portugueses.

I. Andrić	L. e D. Stanković	Estratégia
<p>1 „Na toj terasi smešten je kafedžija sa svojim džezvama, fildžanima (...).“ p. 11</p>	<p>„Nesta parte do terraço instalou-se um cafeteiro com as suas vasilhas de cobre, malgas (...).” p. 7</p>	<p><i>Tradução hiponímica</i></p>
<p>2 „(...) podigli bi svoje čokanje ćutke, obojica u isti mah kao da se nevidljivo kucaju, i nadušak ispili.“ p. 133</p>	<p>„(...) levantaram os seus copos em silêncio, como que brindando a algo invisível, e esvaziavam-nos de um trago.“ p. 131</p>	<p><i>Tradução hiponímica</i></p>
<p>3 „Sa njegovog čardaka na Bikavcu danju se videla rečna dolina (...)” p. 45</p>	<p>„De dia divisava da sua casa em Bikovac toda a extensão do vale ribeirinho (...)” p. 41</p>	<p><i>Tradução hiponímica</i></p>
<p>4 „Postoji samo neki visoki doksat, svetao od sunca koje zalazi (...)” p. 235</p>	<p>„(...) para existir apenas umas alta varanda acariciada pela luz do poente (...)” p. 238</p>	<p><i>Tradução hiponímica</i></p>

³⁴ Disponível em: http://hjp.znanje.hr/index.php?show=search_by_id&id=fF5uXxE%3D; Acesso a 21 de agosto de 2019

<p>5 „Tu je već mulazimov „ (...) Salko Redo, tinha já pomoćnik Salko Hedo s estendido, com a ajuda de um jednim zaptijom prostirao guarda, um grande tapete turco dugačak turski ćilim (...)” p. (...)” p. 148 149</p>	<p><i>Tradução hiponímica</i></p>
---	-----------------------------------

TABELA 10 HABITAÇÃO, MOBILIÁRIO, LOUÇA, ETC.

O texto-fonte menciona dois itens de louça culturalmente marcados. *Fildžan* é um copo sem alça. É utilizado para chá, café ou *salep*, mas a sua característica cultural reside na decoração com motivos orientais³⁵. Foi traduzido para o português como *malga*, um recipiente que tem todas as características físicas de *fildžan*, exceto as decorações. *Malgas* são igualmente utilizadas para servir alimentos líquidos e bebidas³⁶. Embora as formas e as funções destes recipientes sejam quase idênticos, o elemento cultural foi perdido, uma vez que a especificação dos motivos orientais não foi incluída na tradução. Os tradutores provavelmente não reconheceram o seu significado cultural, portanto, não os preservaram para os leitores portugueses. Classificámos esta estratégia como tradução hiponímica, porque não conseguimos encontrar nenhuma indicação de *malga* fazer parte da herança portuguesa. A mesma estratégia foi aplicada à transferência de *čokanj*, uma palavra de origem turca. Ela tem o significado de uma unidade de volume de 0,1 decilitros, que era comumente usada no passado, ou de um pequeno copo de 0,1 decilitros na forma de pera, tipicamente usado para beber aguardente³⁷. O autor do romance estava a referir-se ao segundo significado, que foi traduzido para o português como *copo*. O item que esta palavra simboliza não está ligado estritamente a um único tipo de bebida, ao contrário de *čokanj*³⁸, mas a sua função na narrativa pode ser entendida graças ao contexto circundante em que aguardente é mencionado várias vezes. O contexto também sugere aos leitores que os copos são pequenos, já que aguardente costuma beber-se assim. Obviamente, as informações que os leitores da língua-fonte recebem pela palavra *čokanj* foram recriadas com o contexto. Isso poderia explicar porquê é que os tradutores não sentiram a necessidade de emprestar o vocábulo ou torná-lo

³⁵ Disponível em: http://hjp.znanje.hr/index.php?show=search_by_id&id=fFpHwXg%3D; Acesso a 22 de agosto de 2019

³⁶ Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/malga>; Acesso a 22 de agosto de 2019

³⁷ Disponível em: <http://proleksis.lzmk.hr/16557/>; Acesso a 22 de agosto de 2019

³⁸ Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/copo>; Acesso a 22 de agosto de 2019

mais específico adicionando detalhes. No final, a falta do tom cultural é a única perda que pudemos notar neste exemplo.

O quarto e quinto exemplo contêm elementos arquitetónicos e de habitação. O substantivo *čardak* é de origem turca e tem vários significados. No contexto fornecido pelo romance, refere-se à «residência de dignitários locais no Império Otomano»³⁹. *Doksat* é um elemento frequentemente encontrado no estilo arquitetónico islâmico. É um tipo de varanda fechada⁴⁰. Ambos os lexemas foram traduzidos com os seus hiperónimos em português – *casa* e *varanda*. Os tradutores presumivelmente não acharam estes termos culturais relevantes para a compreensão da história, o que levou à falta de especificação na tradução.

O último elemento culturalmente marcado nesta categoria é *čilim*, um tapete de lã grossa que também pode servir como cobertor ou cortina. O tapete é distinguível por causa das formas geométricas e motivos da natureza, criados na sua superfície. A técnica e tradição de tecer um *čilim* são originárias do Oriente Médio⁴¹. Durante o século XIX, esse costume tornou-se parte da cultura croata e bósnia⁴². O substantivo *tapete* foi sugerido como solução translacional, o que considerámos uma tradução hiponímica. Visto que ele já foi descrito como *turco* no texto original, o que foi transferido para a tradução portuguesa, outras especificações ou empréstimos provavelmente pareciam redundantes para os tradutores.

	I. Andrić	L. e D. Stanković	Estratégia
1	„(...) udavala se za Hadži-Omera iz Grada, bogatog i uglednog čoveka od pedeset i pet godina, i to kao inoča .“ p. 235	„(...) casou com Hadji-Omer, um rico e respeitável homem de 55 anos que vivia por trás de alcácer, ainda por cima como segunda mulher .” p. 239	<i>Tradução descritiva</i>
2	„(...) nehljebović plete i trabunja odebljalim jezikom o ljubavi, o smrti, o dertu	„(...) o jovem bei gastador tartamudeava a tecia considerações com a língua	<i>Naturalização</i>

³⁹ Disponível em: http://hjp.znanje.hr/index.php?show=search_by_id&id=fltgWRE%3D; Acesso a 22 de agosto de 2019

⁴⁰ Disponível em: http://hjp.znanje.hr/index.php?show=search_by_id&id=flZjXBM%3D; Acesso a 22 de agosto de 2019

⁴¹ Disponível em: <http://www.enciklopedija.hr/Natuknica.aspx?ID=13577>; Acesso a 22 de agosto de 2019

⁴² Disponível em: <http://proleksis.lzmk.hr/16624/>; Acesso a 22 de agosto de 2019

bez leka (...).“ p. 221	engrossada de bêbado – acerca de amor, da morte, das saudades sem cura (...).“ p. 223	
3 „(...) kao i sa razornim nagonima mladića u kojima se mešaju i sudaraju sevdah , čamotinja i rakija.” p. 169	„(...) bem como contra os impulsos destrutivos dos jovens dentro dos quais se entrechocavam a melancolia amorosa , a solidão e a aguardente.” p. 169	<i>Tradução descritiva</i>

TABELA 11 OUTROS ELEMENTOS

No primeiro exemplo, foi encontrada uma referência às relações familiares. O substantivo *inoča* é uma denotação para a segunda esposa de homem muçulmano, que ele pode ter de acordo com a lei islâmica⁴³. A falta de lexicalização desse fenómeno social poderia ter motivado os tradutores a optar por uma breve tradução descritiva – *segunda mulher*. Tal estratégia não causou grandes perdas, porque o elemento cultural de ter várias esposas foi transferido com sucesso para a tradução portuguesa.

Dert, uma palavra de origem turca, é caracterizado como um estado espiritual no qual os sentimentos de dor e preocupação geralmente são causados por amor. O sentimento de *dert* é expresso abertamente e muitas vezes é o resultado do consumo de álcool⁴⁴. O termo foi transferido para o português com *saudades*. *Saudade* é um sentimento de tristeza e dor causado pela necessidade de ver uma pessoa, lugar ou coisa inatingíveis ou desaparecidos. No entanto, o substantivo foi usado na sua forma plural e, como tal, o seu conteúdo semântico é reduzido a memórias positivas ou saudações⁴⁵. Estes dois significados não coincidem com a ideia apresentada no original e não são logicamente compatíveis com a colocação *sem cura*, que tem conotações negativas. Já que a noção de *saudade* é frequentemente vista como um elemento cultural específico das nações de língua portuguesa (Oliveira 2014), é possível que

⁴³ Disponível em: http://hjp.znanje.hr/index.php?show=search_by_id&id=fVpgWRY%3D; Acesso a 22 de agosto de 2019

⁴⁴ Disponível em: http://hjp.znanje.hr/index.php?show=search_by_id&id=flhiURA%3D ; Acesso a 22 de agosto de 2019

⁴⁵ Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/saudade>; Acesso a 22 de agosto de 2019

os tradutores tenham-se recusado a usar o substantivo na sua forma singular, a fim de evitar inconsistências culturais. Dito de forma mais simples, o uso deste conceito no contexto do Império Otomano e da região dos Balcãs pode parecer estranho para os leitores portugueses. Portanto, os tradutores provavelmente optaram pela forma plural, esperando que os leitores-alvo a interpretassem no seu significado singular por causa da mencionada colocação *sem cura*. Considerando estes fatores, categorizámos esta solução translacional como naturalização.

O complexo sentimento de amor misturado com saudade e melancolia foi lexicalizado com o substantivo *sevdah*. É considerado culturalmente marcado e específico para a consciência bósnia e turca, mas também árabe, de onde a palavra se origina. O significado deste fenómeno para a herança bósnia pode ser visto no surgimento da canção tradicional *sevdalinka* (Durić 2018). Na tradução portuguesa, a noção é referida como *melancolia amorosa*. Esta estratégia descritiva explicou o sentimento aos leitores portugueses em certa medida, mas os elementos culturais e históricos do texto foram completamente perdidos. Tendo em mente a complexidade semântica e conotacional do substantivo *sevdah*, a razão mais provável para a solução dos tradutores poderia ter sido a intenção de evitar explicações vastas, que quebrariam a concentração dos leitores.

8.2.2. Trabalho

Não havia muitos casos dos elementos culturais relativos à subcategoria do trabalho. Os dois exemplos listados na Tabela 12 são profissões que surgiram como resultado da influência cultural e social otomana nos Balcãs.

	I. Andrić	L. e D. Stanković	Estratégia
1	„(...) dok ih aščije , poznavši ih, ne bi oterali, bijući ih varjačama.“ p. 74	„(...) até que os cozinheiros , as reconhecendo-as, espantaram com as suas compridas colheres de pau.” p. 71	<i>Tradução hiponímica</i>
2	„Janko Stiković, sin jednog	„Um deles era Janko Stiković,	<i>Tradução hiponímica</i>

abadžije sa Mejdana (...)” p. 289	filho de um alfaiate de Mejdan (...)” p. 295	
--	---	--

TABELA 12 TRABALHADORES

Aščija é um termo relacionado com a culinária e denota os cozinheiros especializados na preparação de refeições orientais, em oposição aos que vendiam refeições da cultura eslava meridional⁴⁶. *Abadžija* é um tipo de alfaiate cujos produtos são confeccionados exclusivamente com um tecido de lã grossa, chamado *aba*⁴⁷. Ambos os lexemas são uma indicação da coexistência da cultura eslava nativa e da cultura otomana no mesmo território. Essa imagem foi perdida na tradução portuguesa, onde os lexemas foram substituídos pelos hiperónimos *cozinheiro* e *alfaiate*.

8.2.3. Artes e cultura

Os exemplos que se enquadram na subcategoria *Artes e cultura* podem ser divididos em dois grupos. O grupo menor é composto dos termos relacionados com a arte musical, e a maioria dos exemplos representa a cultura eslava, ou seja, balcânica. O segundo grupo é significativamente mais numeroso e inclui vários lexemas religiosos relacionados com o Islão.

	I. Andrić	L. e D. Stanković	Estratégia
1	„(...) puštaju svoje grubo i otegnuto ojkanje , kao da su sami na svetu (...).“ p. 207	„(...) cantavam grossa e arrastadamente, como se estivessem sozinhos neste mundo.” p. 206	<i>Tradução hiponímica</i>

TABELA 13 MÚSICA E DANÇAS

⁴⁶ Disponível em: http://hjp.znanje.hr/index.php?show=search_by_id&id=elZnXg%3D%3D; Acesso a 23 de agosto de 2019

⁴⁷ Disponível em: <http://proleksis.lzmk.hr/6534/>; Acesso a 23 de agosto de 2019

Ojkanje é uma maneira específica de cantar e é tradicionalmente encontrada em Lika, na Dalmácia continental, em algumas ilhas dálmatas e na Bósnia. As pessoas geralmente cantam um coro seguido pela exclamação *oj*, cantada com um tremor distinto⁴⁸. O fator cultural do termo não é refletido na solução translacional *cantar*⁴⁹. Por causa da definição ampla da palavra, os leitores portugueses não conseguem imaginar a imagem criada no texto. Embora o autor tenha adicionado adjetivos para descrever o canto, essa especificação não contém nenhuma característica essencial do conceito *ojkanje* nem alude ao seu aspeto cultural. Os tradutores provavelmente consideraram os adjetivos *grubo* e *otegnuto* suficientes para transmitir a ideia geral do autor, razão pela qual evitaram o empréstimo.

	I. Andrić	L. e D. Stanković	Estratégia
1	„(...) kuca u šarkiju i pjeva iza glasa (...).“ p. 19	„(...) rufando uma guitarra e cantando com toda a força (...).“ p. 15	<i>Naturalização</i>
2	„(...) cupkao je s noge na nogu i pevao, raširenih ruku kao da se sam prati uz šarkiju .“ p. 242	„(...) apoiando ora numa perna ora na outra, ao mesmo tempo que cantava e abria os braços de maneira que dava a impressão de que se estava a acompanhar a si próprio como um cavaquinho .“ p. 245	<i>Sinonímia</i>
3	„Iz dubokog džepa svoga sivog gunja Crnogorac izvlači gusle , neugledne i male kao podlanica (...).“ p. 34	„Do fundo da algibeira o montenegrino saca de um gusle* , um instrumento pequeno e tosco (...).“ p. 31 <i>*Instrumento musical popular sérvio de uma corda só, utilizada para acompanhar apenas canto épico.</i>	<i>Empréstimo</i> <i>Tradução descritiva</i>
4	„(...) pored Sumbe Ciganina, koji svojom zurlom prati sve	„(...) para além de Sumbo, o cigano, que durante os últimos	<i>Alternativa cultural</i>

⁴⁸ Disponível em: <http://enciklopedija.lzmk.hr/clanak.aspx?id=28511>; Acesso a 23 de agosto de 2019

⁴⁹ Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/cantar>; Acesso a 23 de agosto de 2019

<p>kasabalijske terevenke (...).” p. 227</p> <p>trinta anos acompanhara com o seu anafil todos os bacanaís de terra (...).” p. 230</p>	
---	--

TABELA 14 INSTRUMENTOS MÚSICAIS

Šarkija é um instrumento de cordas tradicional para a Bósnia e Herzegovina, Kosovo e Macedónia, mas tem origem no Oriente Médio. Pode ter entre 4 e 12 cordas, o mais comum sendo o que tem 6 cordas⁵⁰. O termo aparece duas vezes no romance. No primeiro exemplo, *šarkija* foi transferido com a palavra *guitarra*. Embora esse instrumento pertença à herança espanhola⁵¹, o lexema *guitarra* é também utilizado no contexto da música tradicional portuguesa, na qual se usa o instrumento *guitarra portuguesa*⁵². Por isso, decidimos categorizar esta estratégia como uma forma de naturalização. No segundo exemplo, o instrumento balcânico foi transferido com o vocábulo *cavaquinho*. Esse instrumento é específico para o norte de Portugal, mais precisamente para a cidade de Braga⁵³. Pode descrever-se como uma espécie de guitarra de dimensões mais pequenas e de quatro cordas⁵⁴. Ao contrário do primeiro exemplo, este item tem ligações muito mais fortes com a cultura portuguesa. O seu uso na tradução pode parecer estranho para os leitores da língua-alvo, considerando o tópico e a localização histórica e geográfica da narrativa do romance. Considerámos este exemplo um uso de sinonímia, porque o *cavaquinho* é obviamente classificado como pertencente à categoria instrumental de guitarras.

Gusle é um instrumento de cordas em forma de pera, típico para os Balcãs, mas as suas raízes são da Ásia Ocidental. Ele tem apenas uma corda e é tocado com a ajuda de um arco. O objetivo do instrumento é acompanhar a narrativa da pessoa que está a tocá-lo⁵⁵. Este lexema culturalmente marcado foi completamente preservado na tradução, mas o seu significado completo foi divulgado fora do texto. É possível que os tradutores tenham emprestado o termo em vez de substituí-lo, porque é um dos raros elementos culturais no livro que refletem a tradição eslava criada antes da invasão otomana.

⁵⁰ Disponível em: <http://enciklopedija.lzmk.hr/clanak.aspx?id=38607>; Acesso a 23 de agosto de 2019

⁵¹ Disponível em: <https://www.britannica.com/art/guitar>; Acesso a 23 de agosto de 2019

⁵² Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/guitarra>; Acesso a 23 de agosto de 2019

⁵³ Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/cavaquinho>; Acesso a 23 de agosto de 2019

⁵⁴ Disponível em: <http://folclore.pt/cavaquinho-instrumentos-musicais/>; Acesso a 23 de agosto de 2019

⁵⁵ Disponível em: <http://proleksis.lzmk.hr/24943/>; Acesso a 23 de agosto de 2019

Zurla é um instrumento oriental de sopro que, entre outras culturas, também é encontrado na música folclórica turca⁵⁶. Na tradução portuguesa, o vocábulo foi transferido como *anafil*, um tipo de trompete usado pelos mouros⁵⁷. O instrumento não faz parte da cultura portuguesa, mas é conhecida entre os falantes da língua-alvo. Conceitos árabes foram introduzidos na cultura portuguesa através da invasão árabe da Península Ibérica desde o começo do século VIII até o século XIII, o que imensamente afetou a vida em Portugal⁵⁸. Nesta sugestão específica, os tradutores aproveitaram as semelhanças históricas entre as duas culturas participantes do processo da tradução, porque Portugal e os Balcãs foram invadidos e culturalmente afetados por nações islâmicas. Os tradutores apresentaram aos leitores da língua-alvo um elemento cultural que eles podem simultaneamente reconhecer e relacionar com a natureza islâmica do Império Otomano, mesmo que ele não seja aquele mencionado no texto-fonte. Tendo estes factos em mente, categorizámos o dado caso como alternativa cultural.

I. Andrić	L. e D. Stanković	<i>Estratégia</i>
1 „Seljaci se sve više zbijaju oko guslara (...).“ p. 35	„Os camponeses encolhem-se em volta do cantor (...).“ p.32	<i>Tradução hiponímica</i>

TABELA 15 CRIADORES DE CULTURA E ARTE

Na análise da tabela anterior, discutimos o instrumento tradicional *gusle*. Uma pessoa que toca esse instrumento chama-se *guslar*. Eles costumam criar autonomamente a melodia e o texto para as músicas que estão a tocar⁵⁹. Na tradução, este conceito foi substituído pelo seu hiperónimo *cantor*. A solução não transmite o fator cultural nem é suficientemente precisa, uma vez que um *guslar* não é apenas um cantor, mas também o tocador do instrumento. Ao analisar o dado caso, devemos lembrar que o instrumento *gusle* foi mencionado e emprestado muito próximo a *guslar*. Esta poderia ser a razão pela qual os tradutores não consideraram necessário preservar o substantivo na sua forma original e acompanhá-lo com uma explicação, pois, essa estratégia já foi aplicada para a transferência do instrumento. Além disso, o ato de

⁵⁶ Disponível em: http://hjp.znanje.hr/index.php?show=search_by_id&id=f15iXBZ%2F; Acesso a 23 de agosto de 2019

⁵⁷ Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/anafil>; Acesso a 23 de agosto de 2019

⁵⁸ Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/segport/cronologia.html>; Acesso a 23 de agosto de 2019

⁵⁹ Disponível em: <http://www.enciklopedija.hr/Natuknica.aspx?ID=23841>; Acesso a 24 de agosto de 2019

tocar não precisou de ser explicitamente divulgado, porque já foi insinuado anteriormente na narrativa.

	I. Andrić	L. e D. Stanković	Estratégia
1	„Tu klanja sabah .“ p. 252	„Ai fazia as orações matinais .“ p. 257	<i>Tradução descritiva</i>
2	“Oko jacije igra se prekide (...)” p. 175	„Por altura da última oração , o jogo terminou (...)” p. 175	<i>Tradução descritiva</i>
3	„Mislio sam da ću bar ja umrijeti ovdje, gdje još ezan uči (...)“ p. 364	„Cheguei a pensar que eu, pelo menos, iria morrer aqui, onde o muezim ainda chama os fiéis à oração (...)“ p. 376	<i>Tradução descritiva</i> <i>Alternativa cultural</i>
4	„(...) vodi koja ide kroz gvozdene čunkove, tako da nije ni za piće ni za abdest (...)” p. 256	„(...) água «imunda» que passava por tubos de ferro, que nao servia nem para beber nem para as abluções (...)” p. 262	<i>Equivalente oficial</i>
5	„(...) i na njoj urezan bogat turski natips – tarih (...)“ p. 11	„(...) e nela gravada uma sumptuosa inscrição turca – uma tarih* (...)” p. 7	<i>Empréstimo</i> <i>Tradução descritiva</i>

**Inscrição num edifício ou túmulo.*

TABELA 16 COSTUMES E RITUAIS

Sabah e *jacija* são nomes para duas das cinco orações diárias obrigatórias na comunidade muçulmana. O tempo para *sabah* é entre o amanhecer e o nascer do sol⁶⁰, enquanto *jacija* é a última oração do dia, que começa duas horas após o pôr do sol⁶¹. Os tradutores decidiram transferir os termos religiosos para o português através da tradução descritiva. Assim, *sabah* é traduzido como *oração da manhã* e *jacija* como *última oração*. A razão mais provável para essa estratégia poderia ter sido uma tentativa de não sobrecarregar

⁶⁰ Disponível em: <http://www.enciklopedija.hr/Natuknica.aspx?ID=53879>; Acesso a 24 de agosto de 2019

⁶¹ Disponível em: <http://enciklopedija.lzmk.hr/clanak.aspx?id=16785>; Acesso a 24 de agosto de 2019

os leitores da língua-alvo com grandes quantidades de elementos estrangeiros ou pouco conhecidos. No entanto, deve notar-se que *sabah* foi interpretado de maneira muito vaga, considerando que a oração realmente começa antes de manhã.

Ezan é o chamado muçulmano à oração recitado cinco vezes por dia⁶². Os tradutores optaram por uma tradução descritiva, semelhante aos casos discutidos anteriormente. Isso é consistente com a tendência dos tradutores de evitar o empréstimo dos elementos culturais. No entanto, a perda do fator cultural foi evitada com a integração do outro termo da mesma cultura – *muezim*. A palavra tem o significado de uma autoridade islâmica que realiza o chamado diário à oração⁶³. Ela foi destacada como palavra estrangeira com a escrita cursiva e explicada no glossário. Por isso, considerámos esta tradução um uso de alternativa cultural, bem como uma tradução descritiva.

Antes de qualquer oração, os muçulmanos passam pelo ritual de *abdest*. O processo inclui a lavagem de partes específicas do corpo com água⁶⁴. O termo *abulações*, usado na tradução, poderia ser considerado um equivalente oficial, mesmo que não seja estritamente usado no contexto da fé islâmica, como o termo original⁶⁵. No entanto, devido ao contexto geral do livro, deve ficar completamente claro para os leitores da tradução qual religião está a ser mencionada nesta parte do romance. Além disso, os vocábulos são semanticamente muito próximos, e os tradutores provavelmente pensaram que não era necessário emprestar o lexema original.

O lexema *tarih* refere-se à inscrição dos versículos do Alcorão em edifícios. O objetivo desse costume era marcar o fim da sintagma de qualquer edifício ou comemorar outros eventos importantes. *Tarih* costumava ser escrito em árabe, e a totalidade dos valores das letras em árabe continha o ano em que a inscrição foi criada⁶⁶. O termo foi emprestado para o idioma português, mas com uma curta anotação, contendo apenas as suas características mais importantes. Por causa disso, nem a informação nem o tom cultural foram afetados. Mencionámos anteriormente que os tradutores geralmente tentaram evitar a estratégia de empréstimo. Visto que esse elemento cultural foi mencionado no início do romance,

⁶² Disponível em: http://hjp.znanje.hr/index.php?show=search_by_id&id=fFtgWxc%3D; Acesso a 24 de agosto de 2019

⁶³ Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/muezim>; Acesso a 24 de agosto de 2019

⁶⁴ Disponível em: <http://www.enciklopedija.hr/Natuknica.aspx?ID=72>; Acesso a 24 de agosto de 2019

⁶⁵ Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/ablu%C3%A7%C3%A3o>; Acesso a 24 de agosto de 2019

⁶⁶ Disponível em: http://hjp.znanje.hr/index.php?show=search_by_id&id=f19mWRZ6; Acesso a 24 de agosto de 2019

acreditamos que foi emprestado para apresentar aos leitores portugueses o caráter exótico da narrativa.

I. Andrić	L. e D. Stanković	<i>Estratégia</i>
1 „Tada se osladio i onaj koji ni na Bajram nije.“ p. 74	„(...) adoçando desta vez a boca mesmo àqueles que nem no Eid ul-Adha * tinham com que fazê-lo.” p. 71 <i>*Festival muçulmano que marca o fim da peregrinação a Meca.</i>	<i>Alternativa cultural</i> <i>Tradução descritiva</i>
2 „O slavama i Božićima ili u ramazanskim noćima, otežali i brižni domaćini živnuli bi (...).” p. 86	„Por ocasião das festas e do Natal ou durante as noites do Ramadão , os chefes de família, encanecidos, quebrantados e sempre preocupados, animavam-se (...).” p. 83	<i>Equivalente oficial</i>

TABELA 17 FERIADOS E CELEBRAÇÕES

Na tradução portuguesa, o vocábulo *Eid ul-Adha* foi usado como solução para o substantivo *Bajram*. Foi destacado em letras cursivas e acompanhado com uma explicação fora do texto. *Bajram* é uma palavra emprestada do idioma turco e traduz-se literalmente para *feriado* ou *celebração*. Denota dois feriados diferentes comemorados pela comunidade islâmica. *Ramazanski Bajram* é um feriado logo após o período de jejum chamado Ramadão, enquanto *Kurban Bajram* ou *Hadžijski Bajram* é uma celebração realizada nos últimos quatro dias da peregrinação a Meca⁶⁷. Embora não esteja explicitamente declarado no texto-fonte, é óbvio que o *Bajram* ao qual o autor se refere é aquele que segue o Ramadão. Na frase que destacamos na Tabela 17, o narrador afirma que algumas pessoas não comeram *halva* nem durante *Bajram*. Isso implica que este feriado é o dia para os muçulmanos desfrutarem de sobremesas. Os doces são geralmente preparados precisamente durante esse feriado, enquanto

⁶⁷ Disponível em: <http://proleksis.lzmk.hr/10447/>; Acesso a 25 de agosto de 2019

pratos salgados são associados a *Kurban Bajram* (Barr 2019). Se olharmos novamente para a solução dos tradutores, descobriremos que o significado do termo que eles usaram não coincide com o feriado a que Andrić estava a referir-se no seu romance, mas que tem a mesma definição de *Kurban Bajram*. A razão para uma tradução tão enganosa pode ser a falta de pesquisa da cultura-fonte. Embora seja possível que a intenção dos tradutores fosse usar um equivalente oficial, categorizámos esta solução como uma alternativa cultural devido à relação entre o termo original e o usado na tradução.

O adjetivo *ramazanski* é derivado do lexema *Ramazan*, um nome para o período de jejum na cultura islâmica. Este período dura um mês durante o qual uma pessoa é obrigada a abster-se de comida, bebida e outros prazeres, desde o nascer ao pôr do sol todos os dias⁶⁸. Como solução, os tradutores escolheram o equivalente oficial *Ramadão*⁶⁹, garantindo assim o tom cultural do texto. Neste caso, eles não destacaram o termo com a escrita cursiva nem o especificaram para os leitores portugueses. Talvez se espere que os leitores da língua-alvo estejam completamente cientes do significado do lexema.

I. Andrić	L. e D. Stanković	<i>Estratégia</i>
<p>1 „Početkom jula mesexa naiđe plevajlski muftija sa malim brojem ljudi (...).“ p. 134</p>	<p>“Nos inícios do Julho, o mufti de Pljevlja chegou à cidade, com um pequeno número do homens (...).” p. 133</p> <p>(<i>mufti – Nome dado aos doutores mais conhecedores da lei do Alcorão</i> p. 407)</p>	<p><i>Equivalente oficial</i> <i>Tradução descritiva</i></p>
<p>3 “(...) svet se skupljao oko natpisa i gledao u njega, dok se ne bi našao kakav softa (...).” p. 76</p>	<p>“O povo juntou-se em redor da inscrição e miro-a, até que por fim apareceu um talibã (...).” p. 73</p>	<p><i>Alternativa cultural</i> <i>Tradução descritiva</i></p>

⁶⁸ Disponível em: <http://proleksis.lzmk.hr/43287/>; Acesso a 25 de agosto de 2019

⁶⁹ Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/ramadao>; Acesso a 25 de agosto de 2019

	<i>(talibã – Estudante da escola corânica p. 407)</i>		
4	„(...) dok se ne bi našao kakav softa ili mlad hafis (...)“ p. 76	„(...) até que por fim apareceu um talibã ou jovem marabunto (...)“ p. 73 <i>(marabunto – Asceta muçulmano p. 407)</i>	<i>Alternativa cultural Tradução descritiva</i>
5	“(...) da je na tom mestu poginuo kao šehit neki derviš , po imenu Turhanija (...)” p. 16	“(...) naquele local, morrerá como mártir de fé um certo dervixe* , Turhania do seu nome (...)” p. 12 <i>*Religioso maometano pobre (do persa darwich, «pobre; frade mendicante»).</i>	<i>Equivalente oficial Tradução descritiva</i>
6	“(...) da je na tom mestu poginuo kao šehit neki derviš, po imenu šeh-Turhanija (...)” p. 16	“(...) naquele local, morrerá como mártir de fé um certo dervixe, Turhania do seu nome (...)” p. 12	<i>Omissão</i>
7	“(...) žena mu je delila sirotinji i tekijama (...)” p. 236	“(...) a esposa fazia caridade em instituições religiosas e dava esmolos aos pobres.” p. 239	<i>Tradução hiponímica</i>

TABELA 18 CULTOS (LÍDERES, MEMBROS E OUTROS ELEMENTOS)

Muftija tem a mais alta função religiosa no Islão que ele geralmente realiza dentro de um país ou província. Ele também é a autoridade legal islâmica⁷⁰. Na tradução, o substantivo

⁷⁰ Disponível em: <http://proleksis.lzmk.hr/38072/>; Acesso a 25 de agosto de 2019

foi transferido com o equivalente oficial *mufti*⁷¹. Apesar disso, a palavra foi explicada no glossário e destacada com a escrita cursiva, indicando que pertence a uma cultura diferente.

Softa é uma pessoa que está a ser especializada em estudos teológicos numa escola muçulmana⁷². O vocábulo foi traduzido como *talibã*, um substantivo que denota um membro de um grupo militar afegão com entendimento extremamente conservador da religião islâmica⁷³. O termo *hafis* é usado em relação às pessoas que dedicam a sua vida a aprender de recitar o Alcorão. Essa tradição foi estabelecida desde o início da fé islâmica. O seu objetivo era, e ainda é, garantir que nenhuma alteração fosse feita nos versículos ao longo do tempo⁷⁴. *Marabunto*, a palavra usada na tradução portuguesa, não podia ser encontrada nos dicionários, mas encontramos uma palavra de morfologia semelhante – *marabuto*. No contexto do Islão, *marabuto* é sinónimo para um asceta, ou seja, uma pessoa que vive uma vida de abstinência e sacrifício com o objetivo de alcançar purificação espiritual⁷⁵. Uma vez que esta definição corresponde àquela fornecida pelos tradutores (Andrić 2007: 407), podemos concluir que não há diferença entre as duas palavras. Porém, ambas as soluções translacionais são problemáticas. Os significados de *talibã* e *marabuto* não refletem a mesma realidade extralinguística como os de *softa* e *hafis*. Por causa disso, ambos os vocábulos perturbam a lógica da narrativa. Considerando as suas origens, o termo *talibã* tem fortes ligações culturais com a história e política recente do Afeganistão. O seu uso em relação as outras culturas, mesmo que elas sejam islâmicas, é inadequado. Além disso, esse grupo militar não existia antes do ano 1994⁷⁶, enquanto o romance se passa nos tempos do Império Otomano. A palavra *marabuto* não é logicamente compatível com o contexto da leitura de *tarih*, uma inscrição com versos do Alcorão, porque o excelente conhecimento do Alcorão não é um componente do seu significado. Esse conhecimento é essencial para a semântica da frase relevante, e é por isso que o autor usou a palavra *hafis*. Não está claro porquê é que os tradutores usaram estas soluções em particular, uma vez que *softa*⁷⁷ e *hafiz*⁷⁸ também fazem parte do vocabulário português. Devemos notar que ambos os termos foram explicados no glossário, e que a sua origem exótica foi destacada com a escrita cursiva. Os factos

⁷¹ Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/mufti>; Acesso a 25 de agosto de 2019

⁷² Disponível em: http://hjp.znanje.hr/index.php?show=search_by_id&id=d11hXBY%3D; Acesso a 25 de agosto de 2019

⁷³ Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/taliba>; Acesso a 25 de agosto de 2019

⁷⁴ Disponível em: <http://www.enciklopedija.hr/Natuknica.aspx?ID=24053>; Acesso a 25 de agosto de 2019

⁷⁵ Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/marabuto>; Acesso a 25 de agosto de 2019

⁷⁶ Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Taliban>; Acesso a 25 de agosto de 2019

⁷⁷ Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/softa>; Acesso a 25 de agosto de 2019

⁷⁸ Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/hafiz>; Acesso a 25 de agosto de 2019

apresentados levaram-nos a classificar este caso como uma combinação de alternativa cultural e tradução descritiva.

Derviš é uma palavra de origem persa que foi introduzida na língua croata através da língua turca. Traduz-se literalmente para *pobre* ou *mendigo*. É o nome de um membro da ordem religiosa islâmica baseada no misticismo e na pobreza⁷⁹. O termo foi traduzido com o seu equivalente oficial *dervixe*⁸⁰ que também foi marcado como uma palavra estrangeira com a escrita cursiva. Embora o lexema obviamente tenha sido aceite anteriormente no idioma português, os tradutores acrescentaram o seu significado na anotação. Isso indica que o conceito não faz parte do conhecimento comum da cultura-alvo. *Šeh* é considerado o dervixe principal⁸¹. Os tradutores não ofereceram nenhum equivalente na língua portuguesa, o que significa que o elemento cultural foi omitido. A decisão poderia ter sido influenciada por um número limitado de fontes que explicariam o termo *šeh*. Todavia, a estratégia não causou perda das informações relevantes para a compreensão do texto. *Tekija* é um tipo de mosteiro onde apenas os dervixes residem e realizam os seus rituais religiosos⁸². Para transferir o termo, os tradutores optaram por uma tradução hiponímica, usando a colocação *instituição religiosa*. Embora a perda do tom cultural neste exemplo seja inegável, a sua preservação não foi crucial para a semântica do texto, porque a colocação mencionada e o contexto ainda deixam claro aos leitores portugueses que o apoio financeiro está a ser fornecido a representantes e autoridades da fé muçulmana.

I. Andrić	L. e D. Stanković	<i>Estratégia</i>
1 „(...) kao i srećnu godinu 979. po Hidžri (...)“ p. 76	„(...) assim como o feliz ano de 979, segundo a Hégira* (...)” p. 73 <i>*Fuga de Maomé, fundador de religião muçulmana, de Meca para Medina (em 622), que marca o início da era muçulmana.</i>	<i>Equivalente oficial</i> <i>Tradução descritiva</i>

⁷⁹ Disponível em: <http://proleksis.lzmk.hr/17451/>; Acesso a 26 de agosto de 2019

⁸⁰ Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/dervixe>; Acesso a 26 de agosto de 2019

⁸¹ Disponível em: http://hjp.znanje.hr/index.php?show=search_by_id&id=d1hlWhc%3D; Acesso a 26 de agosto de 2019

⁸² Disponível em: <http://enciklopedija.lzmk.hr/clanak.aspx?id=39437>; Acesso a 26 de agosto de 2019

TABELA 19 CALENDÁRIO

Hidžra é um lexema retirado da língua árabe e traduz-se literalmente para *migração*. Na cultura islâmica, esse termo refere-se à migração do profeta Muhammad de Meca para Medina no ano 622. Dezassete anos depois, o evento foi proclamado o ponto de partida da nova era para os muçulmanos⁸³. O conceito é lexicalizado na língua-alvo como *Hégira*⁸⁴. O equivalente oficial foi explicado com um comentário fora do texto, mas não foi destacado com escrita cursiva como outros conceitos estrangeiros anteriormente. Neste caso, os tradutores não podiam evitar o uso do equivalente oficial, porque o termo é uma informação essencial para a compreensão da frase – foi usado para explicar a comemoração do ano de 979. Se qualquer outra estratégia tivesse sido usada, a frase não faria sentido para o leitor.

8.2.4. Elementos étnicos

Comparado aos outros elementos culturais que incluímos nesta análise, gentílicos foram certamente os mais frequentemente usados no romance, enquanto outros elementos étnicos foram uma ocorrência relativamente rara. Apesar disso, conseguimos encontrar um número representativo de exemplos para a dada subcategoria, ou seja, para cada um dos grupos dos quais é composta.

	I. Andrić	L. e D. Stanković	Estratégia
1	„Ta egzotika za Bošnjaka u poslednjem stadiju alkoholizma (...).“ p. 232	„Essa coisa que a um bósnio na fase mais avançada de alcoolismo ... parecia exótica (...).“ p. 235	<i>Equivalente oficial</i>
2	„Ali put je dug, zemlja tvrda, telo slabo, a Osmanlije moćne i nemilosrdne.” p. 24	„Mas a viagem era longa, o solo duro, o corpo fraco e os turcos poderosos e sem piedade.” p. 20	<i>Tradução hiponímica</i>

TABELA 20 ETNÓNIMOS

⁸³ Disponível em: <http://www.enciklopedija.hr/Natuknica.aspx?ID=25447>; Acesso a 26 de agosto de 2019

⁸⁴ Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/hegira>; Acesso a 26 de agosto de 2019

Durante a análise dos etnónimos, notámos um uso relativamente consistente de equivalentes oficiais. No primeiro exemplo, o etnónimo original *Bošnjak* refere-se a um cidadão da Bósnia⁸⁵. Este significado exato está contido no equivalente português *bósnio*⁸⁶. O etnónimo *turco* também pode ser considerado um equivalente oficial do original *Osmanlija*. Nos idiomas balcânicos, *Osmanlije* refere-se a turcos, mas apenas àqueles que viveram durante o Império Otomano, ou seja, o período entre os séculos XIV e XX⁸⁷. O termo foi usado deliberadamente, porque as suas fortes conotações históricas enfatizam o papel dos turcos como invasores. A solução *turcos* não possui as mesmas conotações históricas⁸⁸, mas ela obviamente foi utilizada como sinónimo dos etnónimos *osmanli*⁸⁹ e *otomano*⁹⁰, que refletem melhor a informação contida no original. A sua função de sinónimo é evidente para os leitores portugueses graças ao contexto.

	I. Andrić	L. e D. Stanković	Estratégia
1	„Neobično visok na nogama, pognut, ćosav, isturenih jagodica, kosih crnih nasmejanih očiju. Narod ga je odmah prozvao Misirbaba .“ p. 68	„Excepcionalmente alto, um pouco curvado, imberbe, ossos salientes, os olhos semicerrados, negros, risonhos. O povo logo o crismou de Velha Múmia .“ p. 65	<i>Naturalização</i> <i>Adição</i>
2	„(...) oko jednog oniskog i snažnog mladog čoveka čudnog izgleda. To je Salko Ćorkan .“ p. 114	„(...) era um jovem, pequeno, robusto e de aspecto estranho chamado Salko, mais conhecido por Zarolho .“ p. 113	<i>Equivalente oficial</i> <i>Adição</i>
3	„Neki Huso Kokošar , Ciganin bez časti i određenog	„Um tal Huso Kokošar , um cigano sem escrúpulos nem	<i>Empréstimo</i>

⁸⁵ Disponível em: http://hjp.znanje.hr/index.php?show=search_by_id&id=f19iUBA%3D; Acesso a 26 de agosto de 2019

⁸⁶ Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/b%C3%B3snio>; Acesso a 26 de agosto de 2019

⁸⁷ Disponível em: <http://www.enciklopedija.hr/Natuknica.aspx?ID=45712>; Acesso a 26 de agosto de 2019

⁸⁸ Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/turco>; Acesso a 26 de agosto de 2019

⁸⁹ Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/osmanli>; Acesso a 26 de agosto de 2019

⁹⁰ Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/otomano>; Acesso a 26 de agosto de 2019

TABELA 21 ALCUNHAS (ENGRAÇADOS OU INSULTUOSOS)

O primeiro exemplo na Tabela 21 é relacionado com a personagem Arifbei. Ao escolher a sua alcunha, o autor salientou a característica *ćosav* que é geralmente usada para referir-se a homens sem pêlos faciais⁹¹. O substantivo *misirbaba*, segundo Andrić, tem o mesmo significado (1988: 396). Por outro lado, os tradutores ofereceram uma solução domesticada que modifica a caracterização do Arifbei em relação ao original. Na sintagma *Velha Múmia*, o substantivo *múmia* é, num dos seus significados figurativos, uma pessoa de peso extremamente baixo⁹². Esta tradução é provavelmente o resultado de uma interpretação mais ampla da característica *isturene jagodice*, o que também pode ser observado na frase *ossos salientes*, a proposta tradução da frase em croata. Presumimos que a especificação na forma do adjetivo *velha* foi adicionada para refletir o adjetivo *pognut*, embora o original não particularize se a razão por trás disso é a altura ou a idade de Arifbei.

No segundo exemplo, os tradutores optaram por um equivalente oficial. A alcunha *Ćorkan* é derivado do adjetivo *ćor*. É específico para o discurso de algumas regiões e descreve uma pessoa que não pode ver num ou ambos os olhos⁹³. O adjetivo em português *zarolho* é semanticamente muito próximo do original, pois, cobre a falta de visão de um olho ou um desvio nos olhos⁹⁴. Os tradutores também inseriram a colocação *mais conhecido por* em frente do adjetivo e usaram uma letra maiúscula para salientar que era uma alcunha, evitando assim qualquer má compreensão.

No terceiro exemplo, o significado da alcunha *Kokošar* refere-se a uma pessoa cujo trabalho é relacionado com galinhas⁹⁵. Muito parecido com o caso anterior que discutimos, a alcunha foi colocada ao lado do nome da personagem Huso. Por causa disso, pode parecer um nome de família, mas para os falantes da língua-fonte, a sua função de alcunha é óbvia. Isso

⁹¹ Disponível em: http://hjp.znanje.hr/index.php?show=search_by_id&id=f1puWhg%3D; Acesso a 26 de agosto de 2019

⁹² Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/m%C3%BAmia>; Acesso a 27 de agosto de 2019

⁹³ Disponível em: http://hjp.znanje.hr/index.php?show=search_by_id&id=f1puWBk%3D; Acesso a 27 de agosto de 2019

⁹⁴ Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/zarolho>; Acesso a 27 de agosto de 2019

⁹⁵ Disponível em: http://hjp.znanje.hr/index.php?show=search_by_id&id=eltnXhY%3D; Acesso a 27 de agosto de 2019

provavelmente levou os tradutores a percebê-lo como um apelido, e é por isso que nenhuma solução translacional foi sugerida. Decidimos categorizar este caso como empréstimo, visto que o elemento em si foi preservado na tradução, mesmo que o seu significado e a sua função foram omitidos.

	I. Andrić	L. e D. Stanković	Estratégia
1	„(...) a na njemu crven džemadan, srebrne toke i bijele tozluke, to je Fočak. “ p. 19	„(...) que usa um colete vermelho com botões de prata e polainas brancas, é de Foča. ” p. 15	<i>Tradução descritiva</i>
2	„(...) udri slobodno, to je Rogatičanin. ” p. 19	„(...) então ataca sem sem hesitação, esse é de Rogatica. ” p. 15	<i>Tradução descritiva</i>
3	„(...) to je Višegradanin, a taj ništa nema (...).“ p. 19	„(...) esse é de Višegrad, não tem nada (...).“ p. 15	<i>Tradução descritiva</i>
4	„(...) kao svi Liještani, nema sluha i ne ume da peva (...).” p. 102	„(...) como todos os de Lijesko, tinha mau ouvido e não sabia cantar.” p. 99	<i>Tradução descritiva</i>
5	„Negde zimus, pričao je Veletovac (...). ” p. 111	„Numa dada altura do Inverno, cantou o homem de Veletovo (...). ” p. 110	<i>Tradução descritiva</i>

TABELA 22 GENTÍLICOS

Todos os exemplos acima referem-se à tradução de denominações com base no local de residência. Os tradutores usaram consistentemente a tradução descritiva em vez de criar gentílicos de acordo com as regras linguísticas da língua portuguesa. A razão mais provável para esta estratégia poderia ter sido o uso raro desses topónimos entre os falantes nativos portugueses, assim como o uso único de cada topónimo no romance (com exceção de Višegrad, que foi mencionada algumas vezes).

8.2.5. Unidades de medida e moedas

Quase todas as unidades de medida e moedas analisadas no subcapítulo dado foram impostas às nações mencionadas no romance, ou seja, nações eslavas meridionais, durante os reinados do Império Austro-Húngaro e do Império Otomano.

	I. Andrić	L. e D. Stanković	Estratégia
1	„(...) tu je ležao hrastov kolac, dugačak blizu 4 aršina (...).“ p. 51	„Lá estava uma estaca de carvalho com cerca de cinco metros de comprimento (...).“ p. 47	<i>Naturalização</i>
2	„(...) merili na aršin , na oke i dramove (...).“ p. 164	„(...) media e pesava em côvados , em okas e drams (...).“ p. 164	<i>Naturalização</i>
3	„(...) merili na aršin, na oke i dramove (...).“ p. 164	„(...) media e pesava em côvados, em okas* e drams (...).“ p. 164	<i>Empréstimo</i> <i>Tradução descritiva</i>
		<i>*Medida de peso otomana.</i>	
4	„(...) merili na aršin, na oke i dramove (...).“ p. 164	„(...) media e pesava em côvados, em okas e drams* (...).“ p. 164	<i>Empréstimo</i> <i>Tradução descritiva</i>
		<i>*Medida de peso otomana.</i>	

TABELA 23 UNIDADES DE MEDIDA

Nos quatro exemplos apresentados, foram encontradas unidades de medida turcas. A unidade de *aršin* usa como referência o comprimento do braço humano desde o cotovelo até as pontas dos dedos e tem três possíveis equivalentes no sistema métrico. O *aršin* usado pelos construtores é igual a 75 cm, o *aršin* dos comerciantes é igual a 68 cm, enquanto os alfaiates usaram o *aršin* de 65 cm⁹⁶. Considerando o contexto em que foi mencionado (para medir uma

⁹⁶ Disponível em: <http://www.enciklopedija.hr/natuknica.aspx?ID=35166>; Acesso a 27 de agosto de 2019

estaca de tortura), podemos supor que o autor teve em mente o *aršin* do construtor. Ao usar a estratégia de naturalização, os tradutores converteram a unidade para metros, o que tornou o texto mais relacionável e familiar. Deve notar-se que o comprimento sugerido de *cerca de cinco metros* não corresponde fisicamente ao comprimento original, o que causou um pequeno desvio na informação contida no texto. *Aršin* também foi mencionado mais adiante no livro, mas nenhum comprimento específico foi dado. Neste caso, o tradutor utilizou outra unidade de medida que se utilizava antes em Portugal. O *côvado* também foi baseado no braço humano, mas esta unidade não pode ser considerada um equivalente oficial do *aršin* turco, porque é igual a 66 cm no sistema métrico⁹⁷. Por isso categorizámos este caso como naturalização. É provável que os tradutores não converteram a unidade turca para metros devido ao contexto dado. Nesta parte do livro, o autor cria um contraste com sequências das unidades monetárias e de medida tradicionais, bem como das recém-introduzidas. Desde que *côvado* é uma unidade antiga, transmite essa ideia criada por Andrić.

Oka e *dram* foram emprestados e explicados com um breve comentário dos tradutores fora do texto. Além disso, o tradutor destacou os dois termos culturais através da escrita cursiva. *Oka* era uma unidade usada para medir o volume no Império Otomano⁹⁸. No romance, o substantivo *dram* é usado no significado de uma antiga unidade de medida turca para massa, embora possa referir-se a uma antiga unidade de medida britânica e americana⁹⁹. *Oka* e *dram* faziam parte da sequência mencionada anteriormente. Ao incorporá-los na tradução na sua forma original, os tradutores compensaram as possíveis perdas culturais causadas pela tradução de *aršin* com uma unidade portuguesa semelhante *côvado*.

	I. Andrić	L. e D. Stanković	Estratégia
1	„Šest ti je groša za posao, a još šest ako oстане do mraka živ.“ p. 51	„Vais ganhar seis groshes* pelo trabalho i outros seis se ele se conservar com vida até ao cair da noite.” p. 48	<i>Adaptação ortográfica</i> <i>Tradução descritiva</i>
		* <i>Moeda otomana.</i>	
2	„Ljudi su računali na forinte i	“O povo fazia contos em	<i>Equivalente oficial</i>

⁹⁷ Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/c%C3%B4vado>; Acesso a 27 de agosto de 2019

⁹⁸ Disponível em: <http://www.enciklopedija.hr/Natuknica.aspx?ID=44891>; Acesso a 27 de agosto de 2019

⁹⁹ Disponível em: <http://www.enciklopedija.hr/Natuknica.aspx?ID=16172>; Acesso a 27 de agosto de 2019

	krajcere, ali isto tako i na florins e kreutzers, bem como groše i pare (...).“ p. 164	em groshes e paras (...).” p. 164	
3	„Ljudi su računali na forinte i krajcare , ali isto tako i na groše i pare (...).“ p. 164	“O povo fazia contos em florins e kreutzers* , bem como em groshes e paras (...).” p. 164	<i>Adaptação ortográfica Tradução descritiva</i>
		<i>*Moedas austro-húngaras.</i>	
4	„Ljudi su računali na forinte i krajcere, ali isto tako i na groše i pare (...).“ p. 164	“O povo fazia contos em florins e kreutzers, bem como em groshes e paras* (...).” p. 164	<i>Empréstimo Tradução descritiva</i>
		<i>*Moedas otomanas.</i>	
5	“Četiri zdrave madžarije mećem, a ti dorata sa sedlom.” p. 178	“Aposto quatro belas moedas húngaras contra o teu cavalo baio e a sela.” p. 178	<i>Tradução hiponímica</i>
6	“Osećao je da mu ovaj stranac izvlači ne samo novac, dukat po dukat (...).“ p. 178	“Sentia que aquele estrangeiro não lhe sugava somente o dinheiro, ducado a ducado (...).” p. 178	<i>Equivalente oficial</i>

TABELA 24 UNIDADES MONETÁRIAS

O vocábulo *groš* era o nome de uma moeda de prata usada na Idade Média na Europa. Foi cunhado em França, Itália, Praga, Hungria, Alemanha e no Império Otomano, entre outros, mas o seu valor mudou com o tempo e não era o mesmo em todos os países¹⁰⁰. No seu livro, Andrić está a referir-se à variante otomana dessa moeda, já que o Império Otomano é um dos tópicos do romance. A solução dos tradutores *grosh* está obviamente emprestada, porque o termo não pode ser encontrado nos dicionários *Priberam* e *Infopédia*, nem no *Corpus do Português*. A ortografia da palavra também foi adaptada às regras linguísticas do português. Já que não faz parte do léxico ou da história portuguesa, os tradutores adicionaram

¹⁰⁰ Disponível em: <http://www.enciklopedija.hr/Natuknica.aspx?ID=23513>; Acesso a 28 de agosto de 2019

uma breve explicação na anotação do texto e destacaram o termo com a escrita cursiva. Ele possivelmente foi introduzido na língua-alvo, a fim de manter a autenticidade do discurso das personagens.

Forinta ou *forint* era mais um nome comumente usado para moedas de prata em vários países europeus, por exemplo, Itália, Alemanha e Hungria¹⁰¹. A moeda nunca era usada em Portugal, mas ela não é completamente desconhecida para os falantes portugueses, pois, foi lexicalizada no vocabulário como *florim*¹⁰². Este equivalente oficial também foi utilizado na tradução analisada.

Krajcar era uma moeda usada na Alemanha e no Império Austro-Húngaro, mas o seu valor era menor que o dos florins. A grafia original em alemão era *Kreuzer*¹⁰³. Este problema de tradução foi resolvido com a estratégia de empréstimo e, novamente, um breve comentário explicando o significado da palavra, uma vez que a unidade monetária não fazia parte da história portuguesa. Os tradutores usaram a ortografia original e adaptaram-na à língua portuguesa, criando o lexema *kreutzer*. A unidade monetária *para* era uma moeda de prata criada no Império Otomano no início do século XVII¹⁰⁴. A sua forma de denominação foi completamente preservada na tradução. Nos dicionários portugueses, o lexema com a mesma forma tem a função de uma preposição ou um prefixo¹⁰⁵. Podemos concluir que o seu significado de moeda não existe na língua portuguesa, o que explica porquê é que os tradutores acompanharam o seu empréstimo com a escrita cursiva e um breve comentário fora do texto. Já que fazem parte do mesmo contexto, acreditamos que ambos os lexemas foram emprestados, ou seja, ortograficamente adaptados pelas mesmas razões que os termos *aršin*, *oka* e *dram*, discutidos na análise relacionada com a Tabela 23.

Embora a palavra *madžarija* seja mencionada em algumas fontes, encontrar a sua definição provou ser um desafio. No glossário que Andrić forneceu, *madžarija* é definido como uma *moeda turca de ouro* (1988: 396). Esta informação é validada pelo historiador sérvio V. Popović, que mede o valor de uma *madžarija* comparando-a com outras unidades monetárias turcas – *groshes* e *paras* (1927: 67). Na tradução, foi usada a sintagma *moedas húngaras*, sugerindo que a moeda é de origem húngara e não turca. Esta solução não afeta a

¹⁰¹ Disponível em: <http://www.enciklopedija.hr/Natuknica.aspx?ID=20130>; Acesso a 27 de agosto de 2019

¹⁰² Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/florim>; Acesso a 27 de agosto de 2019

¹⁰³ Disponível em: <http://www.enciklopedija.hr/Natuknica.aspx?ID=33652>; Acesso a 27 de agosto de 2019

¹⁰⁴ Disponível em: <http://www.enciklopedija.hr/Natuknica.aspx?ID=46568>; Acesso a 27 de agosto de 2019

¹⁰⁵ Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/para>; Acesso a 27 de agosto de 2019

narrativa do romance de maneira importante, mas ainda altera o conteúdo que os leitores da tradução recebem. A possível causa para isso poderia ter sido a raiz do nome da moeda que sugere uma origem húngara em combinação com a falta de fontes disponíveis que explicariam a origem da moeda.

Semelhante às moedas mencionadas anteriormente, *dukat* era uma denominação para moedas de ouro cunhadas em muitos países europeus entre os séculos XIII e XIX, incluindo a Bósnia¹⁰⁶. A solução dos tradutores *ducado* é um equivalente oficial¹⁰⁷. É muito provável que os tradutores esperem que os leitores portugueses sejam cientes do significado do termo, razão pela qual não adicionaram nenhuma explicação adicional.

I. Andrić	L. e D. Stanković	Estratégia
1 „Bakrene marijaše koje su plaćali za prevoz, ljudi su bacali na dno crne skele (...).“ p. 22	„As pessoas pagavam a travessia com uns cobres que atiravam para o fundo do barco negro (...).“ p. 18	<i>Naturalização</i>

TABELA 25 COLOQUIALISMOS PARA UNIDADES DE MEDIDA E UNIDADES MONETÁRIAS

O termo *marijaš* era um coloquialismo para uma moeda de prata húngara com a imagem da Virgem Maria, mas também para uma moeda turca chamada *onluk*¹⁰⁸. Considerando que a moeda foi descrita como feita de cobre, podemos assumir que o autor estava a referir-se ao *onluk*. Os tradutores optaram pela estratégia de naturalização usando o substantivo *cobre* na sua forma plural. Como tal, significa quaisquer moedas feitas de cobre ou, simplesmente, troco¹⁰⁹. Neste caso, os tradutores substituíram um coloquialismo por outro, mais conhecido para os leitores portugueses. Embora o fator cultural tenha sido neutralizado com esta tradução, a informação sobre moedas de cobre foi preservada.

8.3. Elementos culturais sociopolíticos

¹⁰⁶ Disponível em: <http://www.enciklopedija.hr/Natuknica.aspx?ID=16541>; Acesso a 27 de agosto de 2019

¹⁰⁷ Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/ducado>; Acesso a 27 de agosto de 2019

¹⁰⁸ Disponível em: <http://www.enciklopedija.hr/Natuknica.aspx?ID=38928>; Acesso a 27 de agosto de 2019

¹⁰⁹ Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/cobre>; Acesso a 27 de agosto de 2019

A categoria dos elementos culturais sociopolíticos é a segunda maior, com base no número de exemplos representativos que conseguimos encontrar. A maioria deles pertence à subcategoria *Vida sociopolítica*. O impacto da invasão otomana na sociedade da Bósnia é mais óbvio nesta categoria do que nas anteriores, especialmente na segunda.

8.3.1. Arranjo administrativo-territorial

Todos os exemplos analisados nesta subcategoria dizem respeito à divisão territorial usada pelo Império Otomano. Eles foram apresentados e discutidos numa ordem que demonstra a divisão do império da menor à maior unidade administrativo-territorial.

	I. Andrić	L. e D. Stanković	Estratégia
1	„(...) širi se lepezasto cela valovita dolina, sa višegradskom kasabom i njenom okolinom (...)“ p. 9	„(...) estende-se, como um sa leque, todo o vale ondulante e nele a pequena cidade de Višegrad e as suas cercanias (...)“ p. 5	<i>Tradução descritiva</i>
2	„(...) i zakupio svu kudelj čak i u susednim nahijama .“ p. 69	„(...) e compra para antecipadamente a produção de cânhamo das povoações vizinhas.“ p. 66	<i>Tradução hiponímica</i>
3	„I to ne samo ovdašnja raja nego i ona iz tri susedna kadiluka .“ p. 33	„E não só os cristãos daqui, mas também os das três alcaidarias vizinhas.“ p. 29 <i>(alcaidaria – Repratição territorial governada por um alcaide p. 405)</i>	<i>Naturalização</i> <i>Tradução descritiva</i>
4	„(...) jer se odigravala tamo na drugom kraju beogradskog pašaluka (...)“ p. 95	„(...) porque se desenrolavam no outro extremo do paxalique de Belgrado (...)“ p. 93	<i>Equivalente oficial</i> <i>Tradução descritiva</i>

<i>(paxalique – Província do Império Otomano governada por um paxá p. 407)</i>	
--	--

TABELA 26 UNIDADES ADMINISTRATIVO-TERRITORIAIS

Kasaba era o título dado às cidades pequenas do caráter oriental. Para uma *kasaba* era obrigatório ter uma mesquita, mas também um mercado todas as semanas. Além disso, a sua população tinha que consistir principalmente de comerciantes e artesãos, em vez de agricultores¹¹⁰. A palavra foi traduzida simplesmente como *cidade pequena*, o que classificamos como uma tradução descritiva. *Nahija* era geralmente uma cidade, aldeia ou grupo de aldeias no cujo território havia pelo menos 200 casas¹¹¹. *Povoação*, a palavra utilizada na tradução, refere-se a várias unidades administrativo-territoriais, ou seja, a qualquer lugar povoado¹¹². Por causa do seu significado muito amplo, foi classificada como uma tradução hiponímica. Os tradutores provavelmente não acharam esses detalhes importantes o suficiente, nem acreditavam que eles justificariam o empréstimo de palavras estrangeiras para o idioma português. *Kadiluk* é um termo de origem turca para uma unidade feita por múltiplos lugares com o título de *nahija*. Tem um *kadija*, isto é, um governador designado que é responsável por todos os assuntos judiciais, militares e civis¹¹³. A solução dos tradutores foi o termo *alcaidaria*, palavra de origem árabe que no passado denotava uma unidade sob a jurisdição de um *alcaide*¹¹⁴, ou seja, «governador de castelo ou de província»¹¹⁵. Não conseguimos encontrar uma definição mais detalhada que nos ajudaria a saber se a unidade territorial é resultado da influência árabe ou se é um conceito português apenas marcado com uma palavra de etimologia árabe. Além disso, as definições que encontramos não contêm a informação que a *alcaidaria* foi usada em outros países. Por causa disso, somos forçados a presumir que *alcaidaria* é um conceito retirado da história portuguesa. Os tradutores provavelmente acharam desnecessário emprestar a palavra *kadiluk*,

¹¹⁰ Disponível em: <http://proleksis.lzmk.hr/30324/>; Acesso a 28 de agosto de 2019

¹¹¹ Disponível em: <http://www.enciklopedija.hr/Natuknica.aspx?ID=42808>; Acesso a 28 de agosto de 2019

¹¹² Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/povoa%C3%A7%C3%A3o>; Acesso a 28 de agosto de 2019

¹¹³ Disponível em: <http://www.enciklopedija.hr/Natuknica.aspx?ID=29745>; Acesso a 28 de agosto de 2019

¹¹⁴ Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/alcaidarias>; Acesso a 28 de agosto de 2019

¹¹⁵ Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/alcaide>; Acesso a 28 de agosto de 2019

pois, o termo em português é semanticamente muito semelhante a ela. Mesmo assim, foi a solução foi acompanhada por uma explicação no glossário. Apesar de uma pequena perda cultural nos três exemplos discutidos, as informações mais importantes foram preservados para os leitores da tradução.

Pašaluk era a maior unidade administrativo-territorial no Império Otomano. A região dos Balcãs era dividida em cinco unidades¹¹⁶. Na tradução portuguesa encontramos o equivalente oficial *paxalique*¹¹⁷. A palavra faz parte do vocabulário português e não foi destacada com a escrita cursiva, o que indicaria a sua origem estrangeira. Mesmo assim, ela foi explicada pelos tradutores no glossário. Isso implica que nem todos os leitores estarão cientes do seu significado ou da sua origem.

8.3.2. Vida sociopolítica

A subcategoria da vida sociopolítica tem uma estrutura interna muito diversa na teoria, mas a nossa análise inclui cinco dos oito tipos possíveis de elementos culturais. Todos os exemplos fornecidos são, de uma maneira ou de outra, conceitos associados à invasão otomana.

	I. Andrić	L. e D. Stanković	Estratégia
1	„(...) kad je iznemogao i morao da se povuče i napusti hajdukovanje po Romaniji (...).“ p. 19	“(...) quando perdeu a força e teve de abandonar a vida de salteador nas montanhas (...)” p. 15	<i>Tradução descritiva</i>
2	„(...) a znamo ga odavno kakav je hajduk i poganac.“ p. 111	„(...) pois conheciamo-lo de longa data como um bandoleiro inconfesso e um porco.“ p. 110	<i>Sinonímia</i>
3	„(...) prema pouzdanim obavještenjima, poznati	“(...) segundo informações fidedignas, o mal famoso	<i>Sinonímia</i>

¹¹⁶ Disponível em: <http://proleksis.lzmk.hr/40776/>; Acesso a 28 de agosto de 2019

¹¹⁷ Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/paxalique>; Acesso a 28 de agosto de 2019

	hajduk Jakov Čekrlija prebacio se iz Hercegovine u Bosnu (...).“ p. 191	bandido Jakov Čekrlija passara da Herzegovina para a Bósnia (...).“ p. 190	
4	„(...) da sazna za druge jatake i pomoćnike (...).“ p. 201	„(...) tentou descobrir outros que ajudassem ou escondessem bandidos (...).“ p. 200	<i>Tradução descritiva</i>

TABELA 27 MOVIMENTOS PATRIÓTICOS E SOCIAIS (E OS SEUS EXECUTORES)

O substantivo *hajduk* refere-se a um membro de um grupo rebelde que apareceu nos Balcãs já no começo da invasão do Império Otomano. O grupo consistia principalmente de cristãos que não aceitavam o governo otomano e que frequentemente lideravam revoltas armadas como respostas aos terrores otomanos em toda a região. Em alguns casos, as suas atividades incluíam roubos, especialmente de pessoas que se encontravam nas rotas de comércio. O grupo geralmente escondia-se nas montanhas e florestas perto das fronteiras ou perto das estradas com muito movimento. Apesar de tudo, eles eram vistos como heróis pelos civis cristãos e muitas vezes recebiam abrigo, comida ou qualquer outro tipo de ajuda, enquanto alguns deles até inspiravam obras literárias. Esse fenómeno espalhou-se pela Croácia, Bósnia, Sérvia, Macedónia e pelo Montenegro¹¹⁸. No texto, o conceito foi mencionado três vezes. No primeiro exemplo na Tabela 27, o autor referenciou as atividades mencionadas com o substantivo *hajdukovanje*. Para transferir o termo, os tradutores utilizaram uma tradução descritiva *a vida de salteador nas montanhas* baseada no facto que os rebeldes costumavam roubar e residir nas montanhas. No segundo e terceiro exemplo, o substantivo *hajduk* foi descrito como *bandoleiro inconfesso*¹¹⁹ e *bandido*¹²⁰, que também são referências aos roubos em grupo. Por causa das semelhanças semânticas entre as traduções, a segunda e terceira solução foram classificadas como sinónimos da primeira. A transferência das informações acabou de ser só parcial em todos os casos, porque os factos históricos foram omitidos. Portanto, o leitor português não consegue perceber as razões patrióticas e políticas por trás deste fenómeno social.

¹¹⁸ Disponível em: <http://www.enciklopedija.hr/natuknica.aspx?id=24105>; Acesso a 29 de agosto de 2019

¹¹⁹ Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/bandoleiro>; Acesso a 29 de agosto de 2019

¹²⁰ Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/bandido>; Acesso a 29 de agosto de 2019

Uma pessoa que ajudava um *hajduk* chamava-se *jatak*¹²¹. O vocábulo foi descrito na tradução com a sintagma *outros que escondessem bandidos*. Os tradutores provavelmente não sentiram a necessidade de emprestar ou explicar o termo *jatak*, já que ele existe só em relação a palavra *hajduk*, que anteriormente não foi diretamente transferida para a tradução.

	I. Andrić	L. e D. Stanković	Estratégia
1	„(...) pošto je po selima istočne Bosne pokupio određen broj hrišćanske dece za adžami-oglan .” p. 23	“(...) depois de ter reunido nas aldeias da Bósnia Oriental alguns rapazes cristãos para o tributo de sangue .” p. 19	<i>Tradução hiponímica</i>

TABELA 28 FENÔMENOS E MOVIMENTOS SOCIAIS (E OS SEUS REPRESENTANTES)

A palavra *adžami-oglan* foi introduzida na língua croata através do turco. Na história balcânica esse termo denotava crianças e jovens masculinos tirados das famílias cristãs para fazer parte do exército otomano na divisão de janízaros¹²². Esse costume era conhecido como *danak u krvi* ou *devširme* e também incluía a cativação de crianças cristãs com a intenção de criar trabalhadores na corte otomana. Todas as pessoas selecionadas tinham entre 8 e 20 anos. Dessa maneira, o Império Otomano conseguiu islamizar um grande número dos membros mais jovens e mais capazes da comunidade cristã. Muitas famílias até fugiram das suas casas, forçaram os seus filhos a casamento e usaram qualquer meio para não perder as suas crianças. O período do imposto começou no século XV e durou até o fim do século XVII¹²³. Os tradutores escolheram a frase *tributo de sangue* pela qual se entende o «dever de servir a pátria como militar»¹²⁴. É interessante notar que a frase croata *danak u krvi* pode ser traduzida para *tributo de sangue*. Embora as suas formas correspondam perfeitamente uma a outra, elas são semanticamente e conotacionalmente diferentes. Em primeiro lugar, devemos destacar que o significado do *adžami-oglan* abrange só pessoas de uma certa idade e género. Além disso, a sua função no exército é estritamente definida por uma divisão só. Na definição da frase portuguesa, essas informações não são divulgadas, pelo menos não de modo explícito.

¹²¹ Disponível em: <http://www.enciklopedija.hr/Natuknica.aspx?ID=28823>; Acesso a 29 de agosto de 2019

¹²² Disponível em: <http://proleksis.lzmk.hr/6941/>; Acesso a 29 de agosto de 2019

¹²³ Disponível em: <http://www.enciklopedija.hr/Natuknica.aspx?ID=14894>; Acesso a 29 de agosto de 2019

¹²⁴ Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/tributo>; Acesso a 29 de agosto de 2019

Quando às implicações, a frase portuguesa parece sugerir que o ato de tributo, embora obrigatório, tem elementos patrióticos. Do outro lado, a palavra *adžami-oglan* tem conotações completamente negativas, porque é associada com um período difícil para os habitantes dos Balcãs que profundamente afetou o seu modo da vida. Para nós, o facto histórico e cultural que a palavra alude parece ser a diferença mais importante. No entanto, podemos constatar que estas informações foram preservadas para o leitor português graças ao contexto criado no capítulo relevante, no qual o escritor explicitamente explica o processo desse costume otomano. Esta poderia ser a razão pela qual os tradutores optariam por uma palavra de significado mais amplo, em vez de emprestar a palavra culturalmente marcada.

	I. Andrić	L. e D. Stanković	Estratégia
1	„Janjičarski aga sa oružanim pratnjom, vraćao se za Carigrad (...).“ p. 23	„Era o agá dos janízaros, com escolta armada, que regressava a Istambul (...).“ p. 19 <i>(agá – Dignidade militar entre os turcos ou grau de nobreza. Com o tempo este título, tal como o de «bei», assumiu o significado de «senhor», «dom». Na Bósnia é acrescentado ao nome próprio como sufixo</i> <i>p. 405)</i>	<i>Equivalente oficial</i> <i>Tradução descritiva</i>
2	„(...) a uz njega je bio Tosun- efendija – neimar.“ p. 28	„(...) com ele vinha o mestre-de-obras, Tosun- efendi .“ p. 25 <i>(efendi – Senhor, título atribuído aos proeminentes muçulmanos</i> <i>p. 406)</i>	<i>Equivalente oficial</i> <i>Tradução descritiva</i>
3	„(...) nego je doputovao nov vezirov poverenik, Arifbeg (...).“ p. 67	„(...) mas um outro homem da confiança do vizir, Arifbei (...).“ p. 64	<i>Equivalente oficial</i> <i>Tradução descritiva</i>

		<p>(<i>beg – Título de nobreza turca, «senhor», «dom», equivalente ao conde ou duque na Europa. Na Bósnia é acrescentado ao nome próprio como sufixo – (do turc. bég ou bék, pelo árabe báí)</i> p. 406)</p>	
4	<p>„Oni su znali da je most podigao veliki vezir Mehmedpaša (...).“ p. 12</p>	<p>„Sabem que a ponte foi construída por ordem do grão-vizir Mehmed-Paxá (...).“ p. 8</p> <p>(<i>paxá – Governador de província ou chefe militar na Turquia</i> p. 407)</p>	<p><i>Equivalente oficial Tradução descritiva</i></p>
5	<p>“Sa glavne džamije u čaršiji javi se hodža (...).“ p. 51</p>	<p>“O muezim gritava o seu pregão desde a mesquita principal (...).” p. 48</p> <p>(<i>muezim – Religioso islamita que chama do alto dos minaretes os crentes à oração cinco vezes por dia (do árabe mo’adhdhin, «que chama para a oração»)</i> p. 407)</p>	<p><i>Alternativa cultural Tradução descritiva</i></p>
6	<p>“Tadašnji mutevelija vakufa Daut-hodža Mutevelić (...).” p. 83</p>	<p>“Daut-hodža Mutevelić, que nessa altura era o administrador do legado (...).” p. 80</p> <p>(<i>hodža – Sacerdote muçulmano</i> p. 406)</p>	<p><i>Empréstimo Tradução descritiva</i></p>
7	<p>„Oni su pre pedeset</p>	<p>„Cinquenta anos antes, na altura</p>	<p><i>Equivalente oficial</i></p>

<p>godina, kada je Sultan em que o sultão criara o exército uveo prvi nizam, redovnu regular (...).“ p. 185 vojsku (...).“ p. 186</p>	
<p>1 „Oni su znali da je most podigao veliki vezir Mehmedpaša (...).“ p. 12</p>	<p>„Sabem que a ponte foi construída por ordem do grão-vizir Mehmed- Paxá (...).“ p. 8</p> <p><i>Equivalente oficial</i> <i>Tradução descritiva</i></p> <p><i>(grão-vizir – Alto dignitário no Império Otomano, equiparado ao primeiro-ministro p. 406)</i></p>

TABELA 29 POSIÇÕES E TÍTULOS

A palavra *aga* foi emprestada da língua turca e pode ser literalmente traduzida para *senhor* ou *chefe*. Durante o Império Otomano tinha a função do título de proprietários de terra, pessoas ricas, oficiais e comandantes do exército otomano¹²⁵. No texto, a palavra refere-se a um comandante do exército e foi traduzida com o equivalente oficial *agá*¹²⁶. Padres islâmicos e pessoas bem-educadas obteriam o título *efendi* ou *efendija*¹²⁷. Este conceito também foi lexicalizado na língua portuguesa como *efêndi*¹²⁸. O título *beg* era geralmente aplicado a membros de famílias nobres, a oficiais militares eminentes ou a governadores de várias unidades administrativo-territoriais. Também foi aceite como uma forma de dirigir-se aos membros proeminentes da sociedade otomana¹²⁹. A palavra *bei* seria o seu equivalente oficial no contexto do idioma português¹³⁰. Membros das forças armadas e do governo com altas funções também podiam receber o título de *paša*. Tinha três variações, dadas de acordo com o número de reconhecimentos que uma pessoa possuía¹³¹. Visto que o lexema *paxá* obviamente

¹²⁵ Disponível em: <http://proleksis.lzmk.hr/7093/>; Acesso a 30 de agosto de 2019

¹²⁶ Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/ag%C3%A1>; Acesso a 30 de agosto de 2019

¹²⁷ Disponível em: http://hjp.znanje.hr/index.php?show=search_by_id&id=ff1nXxU%3D; Acesso a 30 de agosto de 2019

¹²⁸ Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/ef%C3%AAndi>; Acesso a 30 de agosto de 2019

¹²⁹ Disponível em: http://hjp.znanje.hr/index.php?show=search_by_id&id=eVxiXA%3D%3D; Acesso a 30 de agosto de 2019

¹³⁰ Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/bei>; Acesso a 30 de agosto de 2019

¹³¹ Disponível em: <http://www.enciklopedija.hr/Natuknica.aspx?ID=46941>; Acesso a 30 de agosto de 2019

já foi aceite no idioma português¹³², considerámos a solução dos tradutores um equivalente oficial também. Os tradutores forneceram explicações para cada um destes termos. Eles não foram incorporados no texto ou na anotação, mas foram colocados no glossário fora da narrativa do romance.

Hodža é uma denotação de origem turca para padres muçulmanos e professores religiosos. Ao contrário de alguns outros títulos religiosos, este é colocado após o nome de pessoal¹³³. O termo foi traduzido para o português como *muezim*, com o significado de uma autoridade islâmica que realiza o chamado diário à oração¹³⁴. Como podemos ver, as definições dos dois substantivos não coincidem, mas devemos levar em consideração o contexto no qual o termo foi usado. O narrador afirma que a voz do *hodža* podia ouvir-se do alto da mesquita. Isso poderia significar que ele estava chamando os crentes para uma das orações diárias. É possível que os tradutores tenham usado o vocábulo *muezim* para tornar a tradução portuguesa mais explícita e, simultaneamente, evitar o empréstimo do termo *hodža*. Decidimos categorizar este caso como uso de alternativa cultural, mas isso também é uma tradução descritiva, já que o significado da palavra *muezim* encontra-se no glossário. A palavra *hodža* é mencionada novamente mais tarde no romance, esta vez adicionado ao nome *Daut*. Nesse caso, os tradutores emprestaram o termo sem qualquer adaptação ortográfica. Não está claro porquê é que os tradutores não adaptaram a forma da palavra ao idioma português, considerando que uma das consoantes contém diacríticos, o que poderia ser estranho para os leitores portugueses. Isso também é inconsistente com a sua decisão anterior de adaptar a palavra *groš*¹³⁵, que também tem um diacrítico no consoante. Outra inconsistência é que a palavra foi explicada no glossário e não na anotação como outros lexemas emprestados anteriormente (por exemplo, *gusle*¹³⁶).

O título *sultan* era utilizado em alguns países islâmicos com o significado de imperador. Acredita-se que era originalmente um título árabe usado pela primeira vez durante o século IX, mas que foi aceite pelo Império Otomano no final do século XIII¹³⁷. Foi traduzido para o português com o seu equivalente oficial *sultão*¹³⁸. Os tradutores não

¹³² Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/paxa>; Acesso a 30 de agosto de 2019

¹³³ Disponível em: <http://proleksis.lzmk.hr/26755/>; Acesso a 30 de agosto de 2019

¹³⁴ Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/muezim>; Acesso a 30 de agosto de 2019

¹³⁵ Ver Tabela 24

¹³⁶ Ver Tabela 14

¹³⁷ Disponível em: <http://www.enciklopedija.hr/Natuknica.aspx?ID=58730>; Acesso a 30 de agosto de 2019

¹³⁸ Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/sult%C3%A3o>; Acesso a 30 de agosto de 2019

destacaram a palavra nem ofereceram a sua explicação. Isso poderia indicar que os leitores devem conhecer o significado e a origem do vocábulo.

O termo *vizir* surgiu na Idade Média e foi aplicado aos oficiais mais importantes em alguns países islâmicos. Eles foram considerados os ajudantes e deputados do imperador. No Império Otomano, esta função foi executada por vários indivíduos ao mesmo tempo, razão pela qual o título *veliki vizir* foi criado e dado ao homem de confiança do sultão. Um grande número dos oficiais mais capazes nasceu nos Balcãs¹³⁹. O termo *grão-vizir*, usado pelos tradutores, é um equivalente oficial¹⁴⁰. A palavra não foi escrita em letras cursivas para indicar as suas origens estrangeiras, mas foi explicada no glossário que os tradutores forneceram no final do livro.

	I. Andrić	L. e D. Stanković	<i>Estratégia</i>
1 273	„I kakva ti je to tajna koju znaju i djeca iz mekteba ?“ p. 273	“E, de qualquer maneira, que diabo de segredo é esse que até as crianças da escola falam nele?“ p. 279	<i>Tradução hiponímica</i>

TABELA 30 INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS E CULTURAIS

A palavra *mekteb* tem o significado de escola primária islâmica. Durante três anos, crianças estudam sobre o Islão, aprendem a citar o Alcorão e a falar o idioma árabe¹⁴¹. Esta informação não está contida na palavra *escola* utilizada na tradução portuguesa. Desde que os tradutores não adicionaram uma especificação sobre o tipo de escola, a palavra tem o significado de qualquer instituição educacional¹⁴², fazendo a um hiperónimo do termo *mekteb*. A solução pode ser explicada com o contexto, ou seja, com o facto que a palavra *mekteb* foi utilizada na conversa entre um padre muçulmano e outra personagem muçulmana. Neste caso, não pareceria natural destacar que a escola era islâmica, já que um padre nunca enfatizaria isso para outro membro da mesma religião. Por outro lado, os tradutores provavelmente não avaliaram o vocábulo como essencial o suficiente para emprestá-lo.

¹³⁹ Disponível em: <http://www.enciklopedija.hr/Natuknica.aspx?ID=64440>; Acesso a 28 de agosto de 2019

¹⁴⁰ Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/gr%C3%A3o-vizirv>; Acesso a 28 de agosto de 2019

¹⁴¹ Disponível em: <http://www.enciklopedija.hr/Natuknica.aspx?ID=39963>; Acesso a 31 de agosto de 2019

¹⁴² Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/escola>; Acesso a 31 de agosto de 2019

	I. Andrić	L. e D. Stanković	Estratégia
1	„Na jednoj polovini žive pet do šest kuća čivčija , a na drugoj su kuće begova braće Hamzića (...).“ p. 124	„Numa metade de terra viviam cinco ou seis famílias de servos e na outra ficavam as casas dos irmãos Hamzić (...).“ p. 123	<i>Equivalente oficial</i>

TABELA 31 CLASSES SOCIAIS E CASTAS (E OS SEUS MEMBROS)

No Império Otomano, a palavra *čivčija* denotava uma pessoa sem terra própria, razão pela qual cultivava a propriedade de outra pessoa, onde também vivia¹⁴³. Um *čivčija* era obrigado a pagar ao proprietário pelo arrendamento da terra com dinheiro, trabalho ou produtos. O status social de um *čivčija* dependia apenas do status social do proprietário. No entanto, em relação a ele, um *čivčija* estava sempre no fundo da escala social¹⁴⁴. Neste caso em particular, os proprietários da terra tinham o título de *bei*. A análise da Tabela 29 mostrou que esse título era um privilégio das pessoas mais reconhecidas da sociedade. Como solução, os tradutores decidiram usar o substantivo *servo*. Uma das suas definições parece corresponder perfeitamente ao significado do termo original, e por isso o classificámos como equivalente oficial¹⁴⁵. Deve notar-se que os tradutores não forneceram nenhuma especificação que ajudasse os leitores portugueses a excluir todos os outros significados da palavra, o que poderia levar à má interpretação da narrativa.

8.3.3. Vida militar

Ao longo da narrativa do romance, foram mencionados três exércitos nacionais – o austro-húngaro, o otomano e o sérvio. No entanto, esta subcategoria é limitada apenas aos elementos culturais referentes aos dois primeiros exércitos mencionados. Isso é devido ao facto de os elementos culturais do exército sérvio serem apenas itens de vestuário dos seus trajes folclóricos e não termos militares específicos.

¹⁴³ Disponível em: http://hjp.znanje.hr/index.php?show=search_by_id&id=flplWBM%3D; Acesso a 31 de agosto de 2019

¹⁴⁴ Disponível em: <http://www.enciklopedija.hr/Natuknica.aspx?ID=32044>; Acesso a 31 de agosto de 2019

¹⁴⁵ Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/servo>; Acesso a 2 de setembro de 2019

I. Andrić	L. e D. Stanković	Estratégia
<p>1 „Janjičarski aga sa oružanim pratnjom, vraćao se za Carigrad (...)“ p. 23</p>	<p>„Era o agá dos janíçaros, com escolta armada, que regressava a Istambul (...)“ p. 19</p> <p><i>(janíçaros – Soldado de um corpo de elite das tropas turcas otomanas de infantaria geralmente destinadas à guarda do sultão, criado no século XIV e abolido em 1826. (do turco jeñicheri, «nova tropa»)</i> p. 406)</p>	<p><i>Equivalente oficial Tradução descritiva</i></p>
<p>2 „(...) provedu život u janjičarskim odama ili u nekoj drugoj, višoj službi Carstva.“ p. 24</p>	<p>„(...) passassem as suas vidas nas falanges dos janíçaros ou em qualquer outro alto serviço do Império.“ p. 20</p>	<p><i>Tradução hiponímica</i></p>
<p>5 „Oni su pre pedeset godina, kada je Sultan uveo prvi nizam, redovnu vojsku na evropski način odevenu, vežbanu i opremljenu (...)“ p. 186</p>	<p>„Cinquenta anos antes, na altura em que o sultão criara o exército regular, fardado, treinado e equipado à europeia (...)“ p. 185</p>	<p><i>Omissão</i></p>
<p>3 „Na kapiju s naišli, sporim korakom i sa puškom na gotovs, mađarski honvedi.“ p. 144</p>	<p>„Foram os peões húngaros que primeiro chegaram à Porta, em passo lento e com a espingarda pronta a atirar (...)“ p. 142</p>	<p><i>Tradução hiponímica</i></p>
<p>4 „(...) na silu okupljeni bosanski bašibozuk bez discipline i oduševljenja.“ p. 156</p>	<p>„(...) os bósnios recrutados à força, sem disciplina nem entusiasmo.“ p. 154</p>	<p><i>Omissão</i></p>

TABELA 32 DIVISÕES

O vocábulo *janjičar* já foi mencionado na análise de Tabela 28. Ele denotava um membro da infantaria regular estabelecida no Império Otomano no começo do século XIV, usando prisioneiros convertidos. A certa altura, crianças cristãs foram convertidas ao Islão para os propósitos dessa unidade militar. Ela consistia em três níveis diferentes, o segundo maior sendo *oda*. O sucesso da infantaria foi tão grande quanto o seu direito ao envolvimento na política do Império. Ela também era conhecida por causar revoltas, uma delas que levou a mortes na família real e à abolição da unidade militar no começo do século XIX¹⁴⁶. Ao mesmo tempo, o primeiro exército regular baseado no modelo europeu foi estabelecido como substituição e chamava-se *nizam*¹⁴⁷. O adjetivo *janjičarski* foi traduzido com o seu equivalente *janiçaro*¹⁴⁸, que também foi explicado no glossário. Por outro lado, a palavra *oda* foi transferida com a estratégia da tradução hiponímica, ou seja, com o termo militar *falange*, que denota qualquer classe dentro de uma unidade militar¹⁴⁹. Dado que a especificação *dos janiçaros* já faz parte do texto, podemos assumir que os leitores portugueses receberão as mesmas informações que os leitores do original. Esta solução em particular não causou grande perda semântica ou cultural, ao contrário dos outros casos de tradução hiponímica que discutimos anteriormente. O lexema *nizam* não foi traduzido para o português. A causa disso poderia ter sido o restante da frase que contém todas as características relevantes dessa unidade militar. Isso faria o empréstimo do termo parecer redundante.

O termo *honved* aplica-se a um membro de uma unidade de infantaria húngara que existia em três períodos diferentes. Durante a revolução húngara entre os anos de 1848 e 1849, foi composta por voluntários armados. Dezoito anos depois foi restabelecida com a intenção de proteger o país. Desde o ano de 1920, denota os militares húngaros oficiais¹⁵⁰. O termo *peão* foi proposto como solução translacional. Quando usada no contexto da linguagem militar, a palavra faz referência a qualquer soldado que luta a pé¹⁵¹. Muito parecido com o segundo exemplo na Tabela 32, esta tradução hiponímica não afetou significativamente a

¹⁴⁶ Disponível em: <http://www.enciklopedija.hr/Natuknica.aspx?ID=28724>; Acesso a 2 de setembro de 2019

¹⁴⁷ Disponível em: <http://www.enciklopedija.hr/Natuknica.aspx?ID=43936>; Acesso a 2 de setembro de 2019

¹⁴⁸ Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/jan%C3%AD%C3%A7aro>; Acesso a 1 de setembro de 2019

¹⁴⁹ Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/falange>; Acesso a 2 de setembro de 2019

¹⁵⁰ Disponível em: http://hjp.znanje.hr/index.php?show=search_by_id&id=fVxhWBg%3D; Acesso a 2 de setembro de 2019

¹⁵¹ Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/pe%C3%A3o>; Acesso a 2 de setembro de 2019

adequação da tradução portuguesa, porque o termo *peões* foi especificado com o adjetivo *húngaros*. Isso deixa claro ao leitor que o texto refere-se a uma infantaria composta por soldados húngaros.

Bašibozuk era uma unidade militar que não era paga nem possuía uniforme oficial. O papel dos *bašibozuk* era espionar as tropas inimigas e encerrar eventuais revoltas da população. A unidade era conhecida por ser difícil de controlar, portanto, perigosa até para os civis. Essas características explicam o seu nome, cujo significado literal é *cabeças loucas*¹⁵². O termo foi apenas parcialmente explicado no contexto com a sintagma *sem disciplina nem entusiasmo*. No entanto, esse poderia ser o motivo pelo qual os tradutores consideraram aceitável omiti-lo da tradução. A conotação negativa que geralmente está ligada ao termo *bašibozuk*, isto é, a conotação do perigo, foi completamente perdida. Por esse motivo, a tradução não tem o mesmo efeito sobre os leitores que o texto original.

	I. Andrić	L. e D. Stanković	Estratégia
1	„(...) četa pešadije, jegera, u zelenim uniformama, sa perjem na kožnom čaku (...)“ p. 156	„(...) uma companhia de sa infantes de uniformes verdes, com um penacho de plumas coroando o quépi (...)“ p. 155	<i>Equivalente oficial</i>

TABELA 33 UNIFORMES

Čako é um chapéu alto e de forma cilíndrica feito de couro duro. Era originalmente usado por membros do exército austro-húngaro como parte do uniforme cerimonial. No início do século XIX, acabou de ser vestido por soldados franceses e depois por exércitos de muitas outras nações¹⁵³. O termo foi traduzido com o substantivo *quépi*, que denota um chapéu de características físicas idênticas aos de *čako*. Também deve ser notado que a palavra foi emprestada para o português de alemão através da língua francesa¹⁵⁴. Esses factos sugerem que os dois lexemas referem-se à mesma peça de uniforme militar. Acreditamos que o exército francês adaptou a denotação austríaca, em vez da húngara, que mais tarde foi aceita

¹⁵² Disponível em: <http://www.enciklopedija.hr/Natuknica.aspx?ID=6210>; Acesso a 3 de setembro de 2019

¹⁵³ Disponível em: <http://www.enciklopedija.hr/Natuknica.aspx?ID=13144>; Acesso a 3 de setembro de 2019

¹⁵⁴ Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/qu%C3%A9pi>; Acesso a 3 de setembro de 2019

pelos falantes de português. Por isso, categorizámos esta tradução como um equivalente oficial.

9. Conclusão

Na tradução portuguesa do romance *A ponte sobre o Drina* foram utilizadas dez estratégias para traduzir elementos da cultura: adaptação ortográfica, empréstimos, naturalização, alternativa cultural, tradução hiponímica, tradução descritiva, adição, omissão, equivalentes oficiais e sinonímia. Os resultados da análise qualitativa mostraram que a tendência dos tradutores a utilizar uma determinada estratégia não dependia do tipo de elemento cultural, ou seja, da sua categoria ou subcategoria. Também não houve diferenças significativas entre a maioria das estratégias quando se trata da frequência da sua aplicação, mas os tradutores pareciam preferir a tradução hiponímica. As soluções de tradução foram sugeridas com base nos requisitos do contexto e nas limitações da língua-alvo, motivo pelo qual alguns elementos repetidos foram traduzidos de maneiras diferentes. Um fator importante foi a avaliação dos tradutores da função e importância de cada elemento no texto, bem como as suas suposições sobre o conhecimento do público-alvo. O desvio mais notável foi a má interpretação de algumas informações factuais causada pelo desconhecimento da cultura-fonte. Também devemos enfatizar que ocorreram alguns desvios no destacamento de palavras estrangeiras.

Foi notado que a adequação não pode ser facilmente alcançada na tradução cultural, exceto nos casos em que as semelhanças entre culturas e idiomas a tornam possível. A preservação dos elementos culturais foi facilitada pela lexicalização portuguesa de alguns detalhes históricos relacionados com a cultura-fonte. Os tradutores também aproveitaram o facto que ambas as culturas foram moldadas linguística e culturalmente pela invasão de países islâmicos. Eles simularam o aspeto otomano do romance, utilizando palavras e conceitos de origem árabe, o que aproximou a narrativa para os leitores portugueses, sem comprometer a sua coerência. O que causou inconsistências foi o uso de elementos da cultura-alvo que, embora de algum modo semelhantes aos originais, tinham fortes alusões a Portugal. A estrangeirização da tradução foi evitada e frequentemente substituída pelas traduções hiponímica e descritiva, mas os elementos raramente foram completamente removidos do texto. Além disso, várias estratégias foram combinadas. Dessa forma, os leitores não estavam sobrecarregados com informações extratextuais, e a narrativa era muito mais fácil de

entender. Os tradutores garantiram a fluidez do texto, mantendo as explicações concisas, quer sejam integradas no texto ou colocadas na anotação. Na maioria dos casos, os tradutores confiaram no contexto para suportar o tom cultural da narrativa. A consequência de tal estratégia manifestou-se como neutralização do estilo literário do autor, que se baseia fortemente nas palavras de origem turca e em descrições detalhadas da realidade. De certa forma, apenas informações básicas estavam contidas na tradução. Por causa disso, a percepção da Bósnia é simplificada, e os leitores não conseguem captar a riqueza cultural e histórica retratada no texto-fonte.

Não há uma solução única que seria aplicável a todas as situações translacionais ou uma maneira de transferir uma cultura na sua totalidade para um idioma não relacionado. Cada estratégia tem os seus benefícios e consequências, mas o objetivo final do tradutor deve ser o alcance do equilíbrio entre o respeito pelo texto original e as necessidades do público-alvo. O seu conhecimento das duas culturas é essencial, mas as suas decisões têm de ser consistentes. De qualquer forma, a sua prioridade deve sempre ser o texto como uma forma de arte. Isso é especialmente relevante para traduções entre duas culturas sem interação intensa, como as discutidas na nossa pesquisa. Embora a lacuna cultural nunca possa ser completamente superada, as culturas podem familiarizar-se uma com a outra, diminuindo assim os problemas de tradução e possibilitando traduções de qualidade superior. Por esse motivo, a questão precisa de ser tratada com mais dedicação e profundidade.

10. Bibliografia

- Andrić, I. (1988): *Na Drini ćuprija*. Sarajevo: Svjetlost.
- Andrić, I. (2007): *A ponte sobre o Drina*. Tradução por Lúcia e Dejan Stanković. Lisboa: Cavalo de Ferro.
- Aixelá, J. F. (1996): „Culture-Specific Items in Translation“. Em: Alvarez, R., Carmen-África Vidal, M. (eds.): *Translation, power, subversion*. Clevedon/Philadelphia/Adelaide: Multilingual Matters
- Barr, S. (2019): *Eid Al-Adha 2019: When Is It, How Is It Celebrated And How To Wish Someone A Happy Eid*. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/life-style/eid-al-adha-2019-when-date-holiday-uae-saudi-arabia-islam-festival-a9027196.html> (Acesso a 25 de agosto de 2019)
- Bratanić, M. (1991): *Rječnik i kultura*. Zagreb: Filozofski fakultet, Odsjek za opću lingvistiku i orijentalne studije.
- Cooper, H. R. (1983): *The structure of the Bridge on the Drina*. Em: *The Slavic and East European Journal*, vol. 27, n. 3., p. 365-373. American Association of Teachers of Slavic and East European Languages.
- Cuche, D. (1999): *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC.
- Džadžić, P. (1988): „Ivo Andrić: Legenda, priča, mist, istorija“. Em: Andrić, I. (1988): *Na Drini ćuprija*. I-XCIII. Sarajevo. Svjetlost.
- Durić, R. (2018): „The Traditional Bosnian Song Sevdalinka as an Aesthetical, Musical and Philological Phenomenon“. Em: *Spirit of Bosnia*, vol. 13, n. 1. Disponível em: <http://www.spiritofbosnia.org/volume-13-no-1-2018-january/the-traditional-bosnian-song-sevdalinka-as-an-aesthetical-musical-and-philological-phenomenon/> (Acesso a 22 de agosto de 2019)
- Eagleton, T. (2000): *The Idea of Culture*. Oxford: Blackwell Manifestos.
- Fedorov, A. V. (2002): *Osnovi obshchej teorii perevoda (lingvisticheskie problemy)*. Moskva: Filologija Tri.

- Granić, J. (2009): „Jezik kulturom – kultura jezikom“. Em: *Jezici i kulture u kontaktu* : zbornik radova: p.18-26. Podgorica: Institut za strane jezike.
- Visković, V. (Ed.) (2010): *Hrvatska književna enciklopedija*. T. 1: A-G1 Zagreb: Leksikografski zavod Miroslav Krleža
- Ivir, V. (1978): *Teorija i tehnika prevođenja. Udžbenik za I i II g. pozivnouslymerenog obrazovanja i vaspitanja srednjeg stupnja prevodilačke struke*. Sremski Karlovci: Centar “Karlovačka gimnazija”.
- Katan, D. (1999): *Translating cultures. An Introduction for Translators, Interpreters and Mediators*. Manchester: St. Jerome Publishing.
- Kovačević, P. (2019): *Kada je počela da se nosi šajkača u užičkom kraju?* Disponível em: <https://uzicanstveno.rs/uzicanstveno/kada-je-pocela-da-se-nosi-sajkaca-u-uzickom-kraju/> (Acesso a 20 de agosto de 2019)
- Oliveira, D. S. de (2014): *Saudade, um sentimento universal, uma palavra sem igual – Uma breve explicação sobre a etimologia e origem histórica da palavra saudade*. Disponível em: <http://www.qlc.com.br/blog/saudade-um-sentimento-universal-uma-palavra-sem-igual-uma-breve-explicacao-sobre-a-etimologia-e-origem-historica-da-palavra-saudade/> (Acesso a 22 de agosto de 2019)
- Komissarov, V. N. (1990): *Teorija prevoda (lingvističeskie aspekty)*. Moskva: Vysshaja shkola.
- Lovrenović, I. (2008): „Ivo Andrić, paradoks o šutnji“. Em: *Kolo* 2. Matica Hrvatska. Disponível em: <http://www.matica.hr/kolo/310/ivo-andric-paradoks-o-sutnji-20591> (Acesso a 15 de julho de 2019)
- Pavlović, N. (2015): *Uvod u teorije prevođenja*. Zagreb: Leykam international.
- Popović, V. (1927). *Trgovina Budimlića u prvoj polovini 19. stoljeća*. Em: *Narodna starina*, vl. 6, n. 14, p. 59-70. Disponível em: <https://hrcak.srce.hr/59882> (Acesso a 27 de agosto de 2019)
- Pranjić, K. (2008): „Ivo Andrić u prijevodima“. Em: *Izabrani stilistički spisi*. Disponível em: <http://www.stilistika.org/krunoslav-pranjic-izabrani-stilisticki-spisi> (Acesso a 15 de agosto de 2019)

- Premur, K. (1998): *Teorija prevođenja*. Dubrava: Ladina TU.
- Vujanić, M. (2007): *Rečnik srpskog jezika*. Novi Sad: Matica srpska.
- Salton, G., Ross, R., Kelleher, J. (2014): „Evaluation of a Substitution Method for Idiom Transformation in Statistical Machine Translation“. *14th Conference of the European Chapter of the Association for Computational Linguistics*. Gothenburg, 26-30 de Abril.
- Semenov, A. L. (2008): *Osnovi obshchej teorii perevoda i perevodcheskoj dejatel'nosti*. Moskva: Akademija.
- Stanojčić, Ž. S. (1967): *Jezik i stil Iva Andrića: (funkcije sinonimskih odnosa)*. Beograd: Filološki fakultet Beogradskog univerziteta.
- Ter-Minasova, S. G. (2000): *Jazyk i mezhkul'turnaja komunikacija*. Moskva: Slovo.
- Turgut, C. (2011): *Sahlep: A Wonderful Turkish Winter Beverage*. Disponível em: <http://seasonalcookinturkey.com/sahlep-wonderful-turkish-winter/> (Acesso a 19 de agosto de 2019)
- Vereshchagin, E. M., Kostomarov, V. G. (2005): *Jazyk i kul'tura. Tri lingvostranovedcheskie koncepcii: leksicheskogo fona, reche-povedencheskih taktik i sapientemi*. Moskva: Indrik.
- Vermeer, H. (1992): *Is translation a linguistic or cultural process?*. „Ilha do Desterro“, n. 28. p. 37-51. Florianópolis. UFSC.
- Vinogradov, V. S. (2001): *Vvedenie v perevodovedenie (obshchie i leksicheskie voprosi)*. Moskva: Izdatel'stvo instituta obshchego srednego obrazovanija RAO.
- Vlahov, S., Florin, S. (1980): *Neperevodimoe v perevode*. Moskva: Mezhdunarodnye otnoshenija.
- Volk, M. (1998): *The Automatic Translation Of Idioms. Machine Translation vs. Translation Memory Systems*. Em: *Machine Translation: Theory, Applications, and Evaluation. An assessment of the state of the art*, ed. Nico Weber. St. Augustin: Gardez! Verlag.
- Dicionário Priberam, <https://dicionario.priberam.org> (Acesso a 3 de setembro de 2019)
- Encyclopaedia Britannica, <https://www.britannica.com/> (Acesso a 25 de agosto de 2019)
- Encyclopedia of Life, <https://eol.org/> (Acesso a 19 de agosto de 2019)

Hrvatska enciklopedija, <http://www.enciklopedija.hr/> (Acesso a 3 de setembro de 2019)

Hrvatski jezični portal, <https://www.hjp.znanje.hr> (Acesso a 2 de setembro de 2019)

Infopédia, <https://www.infopedia.pt> (Acesso a 2 de setembro de 2019)

Instituto Camões, <http://cvc.instituto-camoes.pt/> (Acesso a 23 de agosto de 2019)

Portal znanja, <http://enciklopedija.lzmk.hr/> (Acesso a 26 de agosto de 2019)

Proleksis enciklopedija, <http://proleksis.lzmk.hr> (Acesso a 30 de agosto de 2019)

Zadužbina Ive Andrića, <https://www.ivoandric.org.rs> (Acesso a 30 de agosto de 2019)

Slovar' Ozhegova, <http://www.ozhegov.org/> (Acesso a 20 de agosto de 2019)